

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**NAZISMO E LITERATURA DE TESTEMUNHO: UMA  
DISCUSSÃO SOBRE O HOLOCAUSTO**

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES

**NAZISMO E LITERATURA DE TESTEMUNHO: UMA  
DISCUSSÃO SOBRE O HOLOCAUSTO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Spinola Pereira Caldas.

Uberlândia, Dezembro de 2008

Alves, Fillipe Gomes de Souza, 1986

Nazismo e literatura de testemunho: uma discussão sobre o holocausto.

Fillipe Gomes de Souza Alves – Uberlândia, 2008

70 fl.

**Orientador: Pedro Spinola Pereira Caldas**

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em história.

Inclui Bibliografia

Nazismo – Holocausto – Literatura de Testemunho

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES

NAZISMO E LITERATURA DE TESTEMUNHO: UMA  
DISCUSSÃO SOBRE O HOLOCAUSTO

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Pedro Spinola Pereira Caldas

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Rosangela Patriota Ramos

---

Prof. Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador, Pedro Spinola Pereira Caldas, pela paciência e apoio e grande ajuda na execução deste trabalho. Também sou grato aos professores Alcides Freire Ramos e Rosangela Patriota pelo convite de participar do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC) e pela contribuição enquanto docentes e também orientadores nas minhas pesquisas. Agradeço ao professor Mateus Henrique de Faria Pereira por ser parte da minha banca examinadora e pela sua colaboração na prática de minha carreira como professor.

Agradeço aos meus pais, José Antônio de Souza Alves e Maria de Fátima Sousa Alves pelo incentivo, conselho, apoio e tudo mais que um pai e uma mãe são na vida de um filho. O investimento que eles fizeram na minha educação e no que sou hoje como pessoa. Ao meu irmão e à irmã também meu muito obrigado por estarem ao meu lado sempre. Obrigado às minhas avós que sempre me acolheram e realizaram a dupla função de avô e avó. E obrigado à minha família como um todo, tios, padrinhos, madrinhas, primos e sobrinhos.

Minha gratidão aos meus amigos do NEHAC que são tantos, por isso não citarei nomes pra não correr o risco de esquecer de alguém. E também obrigado aos amigos que fiz e conquistei ao longo do curso de História.

## RESUMO

O objetivo principal desta monografia é analisar as diversas questões sobre o Holocausto, abrangendo o regime nazista, a figura do líder (Adolf Hitler), a tradição anti-semítica na Europa e na Alemanha, como também, a literatura de testemunho da época juntamente com as noções de banalidade do mal e modernidade. As principais interpretações deste fato ganham consistência em suas tendências, tanto a intencionalista, que acusa os alemães de terem um valor anti-semita eliminacionista desde seu princípio, quanto a funcionalista, que enfatiza suas explicações nas estruturas estatais e nas eventualidades dos fatos históricos. A contribuição de Primo Levi como sobrevivente e autor de obras literárias com aspectos testemunhais também é estudada neste trabalho e visa ao exame do dia-a-dia dos campos de concentração, tornando mais produtivo o trabalho de analisar as estruturas, os prisioneiros e os carrascos.

**Palavras-chave:** Holocausto, Literatura de Testemunho, Campos de Concentração, Carrascos.

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	.....	<b>08</b>
<b>Capítulo 1: A terra de porcelana: a fragilidade do pós- 1ª Guerra e o movimento nazista</b>	.....	<b>10</b>
<b>1.1. Os efeitos da Primeira Guerra e a criação do Partido Nazista</b>	.....	<b>10</b>
<b>1.2. A figura do líder e o regime</b>	.....	<b>21</b>
<b>1.3. Condições</b>	.....	<b>29</b>
<b>1.4. O fascismo e outros <i>ismos</i></b>	.....	<b>32</b>
<b>Capítulo 2: A estrada de tijolos: o anti-semitismo, a teoria e a política eliminacionista</b>	.....	<b>34</b>
<b>2.1. Cultura, alteridade e sociedade</b>	.....	<b>34</b>
<b>2.2. A visão de Goldhagen e outras perspectivas</b>	.....	<b>37</b>
<b>2.3. O contraponto ao intencionalismo</b>	.....	<b>44</b>
<b>Capítulo 3: Primo Levi e a Modernidade: uma compreensão sobre brutalidade</b>	.....	<b>54</b>
<b>3.1. O sentimento de culpa</b>	.....	<b>54</b>
<b>3.2. Os afogados e os sobreviventes</b>	.....	<b>57</b>
<b>3.3. Os obstáculos de julgar e aceitar</b>	.....	<b>63</b>
<b>Conclusão</b>	.....	<b>68</b>
<b>Bibliografia</b>	.....	<b>70</b>



## INTRODUÇÃO

É complicado falar de assunto que abrange não apenas um complicado tipo de regime, mas também um governo que em seu final, a partir de condições e situações eventuais sustentadas pro uma política racista, ocasionou a morte de milhões de pessoas. Há algum tempo busco compreender como se deu tal fenômeno e o que resultou dele.

Este trabalho tem como principal objetivo analisar as diversas vertentes que se colocam como maneiras de explicar o genocídio nos campos de concentração durante o período nazista. Para dar corpo a esse debate, alguns objetivos secundários são propostos. A partir deles, busco examinar os problemas que envolvem a figura do líder (Hitler), seu caráter carismático e as pré-condições que conduziram à chegada do regime nazista ao poder na Alemanha. Essas discussões são importantes para o entendimento da complexidade do regime e dos perigos que envolvem algumas caracterizações que visam à fácil conformidade do acontecimento.

É preciso lembrar que as interpretações dos fatos se dão por várias escolas, ou melhor, disciplinas. Filosofia, Sociologia, História e até mesmo a literatura (de testemunho) tentam passar ao público algo que ele realmente consiga apreender, ou ao menos tentar, como era a vida nos campos e quais as relações e implicações disso enquanto um produto ou laboratório do regime nazista.

No primeiro capítulo, faço uma discussão em torno dos eventos que antecederam a chegada do partido nazista ao poder na Alemanha, com comentários acerca da I Guerra Mundial e da inconsistência governista da República de Weimar. O termo fascismo também é discutido e como se dão as condições para que um regime seja caracterizado como fascista.

Um tema importante que também é analisado é a forma do governo enquanto divisões de tarefas e de poderes entre o líder, o partido, os órgãos do governo e a sociedade civil. É através desse quadrilátero tenso que a noção de poder centrado nas mãos de Hitler é desconstruída. Por fim, entender as relações do fascismo com o liberalismo, socialismo, racionalismo e parlamentarismo é fundamental para saber distinguir e aproximar as características de um sistema ou modelo com outro.

No segundo capítulo, a reflexão central é sobre o anti-semitismo e sua função como geradora do holocausto. A partir daí, se desdobram as explicações sobre alteridade e seu valor enquanto mantenedora do respeito à vida do outro. E para que o debate se torne mais claro, o conceito de cultura precisa ser trabalhado. Logo, a discussão da moral e da vontade do ser humano movido por valores e preconceitos permeiam a discussão sobre anti-semitismo, em especial, na Alemanha.

Mais adiante, exploro os argumentos do cientista social Daniel Goldhagen, um estudioso do Holocausto com tendências intencionalistas e, como contraponto às suas idéias, coloco em discussão as explicações de um historiador com tendências funcionalistas. Os argumentos de cada autor procuram explicar o genocídio dos judeus nos campos de concentração, mas com idéias de causas diferentes.

Por fim, no terceiro capítulo, a análise se faz em torno da literatura de testemunho, que se destaca como o documento principal para se estudar o Holocausto. Neste caso, a obra estudada é a do italiano Primo Levi que foi levado a Auschwitz em 1944. Para finalizar, há uma reflexão sobre a modernidade como um processo que possibilita essa criação da “fábrica de mortes”. As proposições de Zygmunt Bauman norteiam esse debate, juntamente com o esclarecimento de conceitos como “zona cinzenta” (colocado por Levi) e “banalidade do mal” (argumentado por Hannah Arendt).

## CAPÍTULO I

### A terra de porcelana: a fragilidade do pós-1ª Guerra e o movimento nazista

#### 1. Os efeitos da Primeira Guerra e a criação do Partido Nazista

##### I

O nazismo é considerado um movimento criado na Alemanha baseado nos preceitos do fascismo italiano, criado em março de 1919, na Itália, por Benito Mussolini. Contudo, a palavra fascismo é mais antiga do que se imagina. Na verdade, ela é um resgate de um vocábulo da Roma Antiga, *fasces*, que denota feixe, autoridade e unidade do Estado. Posteriormente, o termo é apropriado pelos esquerdistas<sup>1</sup>, que o consideravam como um ícone da força e da resistência contra a aristocracia e a Igreja. Por sua vez, revolucionários italianos ao final do século XIX adéquam o sentido de *fasces* (a palavra transforma-se em *fascio*, no idioma italiano) à solidariedade entre os militantes camponeses na insurreição contra grandes proprietários de terra sicilianos<sup>2</sup>. O termo – visto a partir de seu processo histórico – elimina a vaga noção que se têm dele, desconstruindo a visão repleta de senso comum criada pela historiografia e pelas pessoas sobre o que vem a ser o fascismo.

É interessante compreender que o *nazismo* pertence a uma categoria mais ampla do que pertenceram outros movimentos políticos que chamamos de *fascistas*. Entender o

---

<sup>1</sup> Não só partidários esquerdistas adotaram a palavra *fascio* como símbolo de resistência. Os camponeses e outros grupos que brigavam pelo direito à terra também se apropriavam desse simbolismo no combate aos latifundiários. Logo, precipitar-se dizendo que o fascismo, é uma invenção direitista pode resultar em um conflito de origem do movimento. O grupo de nacionalistas esquerdistas – do qual Mussolini fazia parte no intento de levar a Itália à Primeira Guerra – pode ser considerado o primeiro movimento fascista da história, visto que, ao final da guerra, ex-soldados e sindicalistas pró-guerra estavam ao lado de Mussolini quando houve o término do confronto. O futuro ditador italiano denominou o movimento como fascista graças ao seu objetivo de levantar o ânimo dos revolucionários pertencentes ao seu grupo. O termo fascismo significava isso e era usado por muitos movimentos políticos de tendências diferentes mas na intenção de louvar o fervor do próprio movimento. Levar em consideração que Mussolini também foi membro do Partido Socialista Italiano reflete a conclusão sobre a tendência inicial do movimento. Mesmo o fascismo considerado datado em 1919 com a declaração de guerra do grupo de Mussolini contra o socialismo, esse bando que em 1914 tentava levar o país a brigar ao lado dos Aliados já tinha características do que viria a ser fascismo bem concebidas. Da mesma maneira que o *fasces* ou *fascio* foi historicamente apropriado por diversos segmentos, ele foi formado inicialmente por esquerdistas e, após um provável revanchismo de Mussolini, os esquerdistas não mais seriam fascistas. O fascismo iria muito além da divisão partidária (esquerda, centro e direita); o termo extrema-direita é o que mais acolheu os fascistas, mas eles se viam diferente disso. O partido era apenas uma denominação para ingressar na política. O fascismo seria, antes de tudo, um movimento.

<sup>2</sup> PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**, p. 14.

movimento nacional-socialista como resultado do autoritarismo do Estado prussiano-alemão, da ideologia do povo alemão e, especialmente, da contribuição ideológica e política de Adolf Hitler na direção do movimento é um passo significativo.

As tentativas de definições do fascismo foram surgindo aos montes. O *Comitern* apontava o fascismo como resultado das nações capitalistas, fundamentado nas noções imperialistas como uma variante bonapartista. Partindo de uma análise não-marxista sobre o fascismo, este é visto como uma força genérica, autônoma e, também, como resistência prática e violenta à transcendência. Para o historiador e filósofo Ernst Nolte, o fascismo é um movimento europeu antimodernista, sendo que outros escritores o entendem como uma força revolucionária por não voltar sua atenção ao passado. O historiador Klaus Hildebrand, por sua vez, afirma que o fascismo é uma maneira especial de governo em sociedades – que se encontram em fase crítica do processo de transformação social – criando uma sociedade industrial e, ao mesmo tempo, objetivamente aos olhos dos estratos governantes se vê amenizado por um levantamento comunista.

Consideremos dois tipos de ditadura fascista<sup>3</sup>: 1) *Normal*, a qual é constituída por uma ditadura militar em países de economias capitalistas não avançadas; 2) *Excepcional*, constituída pelo partido massivo, do qual somente Itália e Alemanha experimentaram. Nos casos em que o conceito de fascismo é inutilmente estendido de maneira nebulosa, parece de todo correto falar de uma trivialização do horror do nazismo. Contudo, outra teoria afirma que fascismo foi o sistema de governo de Mussolini e nazismo, o de Hitler. Este fato associa-se às questões individuais realizadas no nazismo e no comando de Hitler. A ideologia de raça do nazismo é um dos fatores centrais para tal separação.

Conforme o historiador Ian Kershaw, não há problema algum (nem deve haver contradição) na aceitação do nazismo como (a mais extrema manifestação do) fascismo e o reconhecimento de suas próprias características únicas dentro desta categoria. Já que também, o conceito de fascismo é mais satisfatório e adequado ao nazismo que o conceito de totalitarismo. As características peculiares que distinguem o nazismo de outras manifestações de fascismo devem ser compreendidas enquanto inseridas nas estruturas e condições dos desenvolvimentos sócio-econômicos e ideológico-políticos alemães na era da burguesia industrial.

---

<sup>3</sup> Cf. KERSHAW, Ian. **La dictadura nazi**.

Para Kershaw, o fator que dificulta a interpretação do nazismo como um regime totalitário diz respeito ao seu conceito extremamente limitado, pois se refere ao controle em todos os âmbitos do Estado, incluindo principalmente a sociedade civil. Fato este que não ocorreu, já que ocorreram manifestações contra algumas atitudes do governo. Totalitário seria, portanto, aquele que “superasse a divisão estado-sociedade das fracas democracias pluralistas”. Um grande equívoco foi tornar nazismo e totalitarismo sinônimos após a ascensão de Hitler no poder. Dessa teoria, a discordância é feita por Hannah Arendt.<sup>4</sup> Para ela, o nazismo é totalitário, assim como o stalinismo também o era. Para não percorrer um trajeto em meio ao perigo de perder o poder conquistado, o nazismo teria de desenvolver a chamada revolução “permanente”. Ou seja, a todo o momento era preciso lutar contra alguma coisa, pois o Estado totalitário entra em xeque na medida em que os seus movimentos são limitados por seu próprio absolutismo. Ao se considerar o único partido vigente, e o todo-poderoso governo, os nazistas corriam o risco de uma insurreição da nação e, simultaneamente, precisava alimentar o nacionalismo, mas que esse não chegasse a seu êxtase para não malograr a política expansionista. O nazismo depende dela; e segundo Arendt, o totalitarismo também.

O totalitarismo é ainda um criador do mundo fictício<sup>5</sup>. Na Alemanha, Hitler criou em sua retórica a conspiração bolchevique-judaica e, ao ascender ao poder, precisou colocá-la em prática. A eliminação de alguns membros da SA teve o objetivo de calmaria, e o *Führer* deu à população uma “diminuição dos membros radicais”. Logo, o poder totalitário é sustentado por um mundo fictício fundamentado em uma retórica paranóica (ou seja, tudo tem de fazer sentido). Esse mundo é perfeito, bem acabado; é tudo preso em uma ordem ilógica; a realidade é isolada, e o equilíbrio é mantido.

*Já não basta que a propaganda e a organização afirmem que o impossível é possível, que o incrível é verdadeiro e que uma coerente loucura governa o mundo; o principal esteio psicológico da ficção totalitária (...) já não existe, e cada fragmento de informação concreta que se infiltra através da cortina de ferro, construída para deter a sempre perigosa torrente da realidade vinda do lado não-totalitário, é uma ameaça maior para o domínio totalitário do que era a contrapropaganda para o movimento totalitário.*<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> Cf. ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**.

<sup>5</sup> Ibid., p. 441.

<sup>6</sup> Ibid., p. 442.

A justificativa entre os nazistas para não deixar que a cortina de ferro se diluísse era a expansão territorial. A conquista de outras nações era necessária para uma gradativa dominação global do nazismo. Só assim a cortina de ferro seria mantida sem ter ameaças externas. A guerra era o meio pelo qual os nazistas fixariam o seu domínio, transformando o mundo em sua colônia. Traduzindo isso para o povo alemão, os nacional-socialistas afirmavam que era a obtenção do espaço vital.

A partir daqui, o nazismo será entendido como semelhante ao fascismo. Logo, sempre que o texto apontar o fascismo, tenha em mente que o nazismo está inserido no conceito. O fato que faz os dois termos ficarem em separado deve-se que o fascismo abrange governos de características fascistas em geral, dentre eles o regime hitlerista na Alemanha. Contudo, devido ao próprio nome do partido e a elementos particulares do nazismo, este recebe o próprio nome. O conjunto nazista está dentro do conjunto maior que é fascismo; os dois não fazem interseção.

A visão do nazismo como um Estado rígido será nestes escritos associada ao totalitarismo proposto por Hannah Arendt. Não um totalitarismo que controlava todos os passos de uma nação, mas aquele criador de um mundo fictício e destituidor do caráter do ser humano como ser pensante e plural. Por este caminho, o termo totalitarismo é sim adequado na definição das ações da política nazista.

O surgimento do Partido Nazista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP – Nationalsozialistische Deutsche Arbeiter Partei) é um marco decisivo para a caminhada da Alemanha rumo ao Terceiro Reich, o governo que durou de 1933 a 1945 sob o comando de Adolf Hitler. Mas antes de entender a criação, ou melhor, a remodelação do partido como instrumento da ascensão de Hitler ao poder, é preciso discutir o contexto em que o país se encontrava enquanto um dos principais Estados participantes da Primeira Guerra Mundial.

## II

A Alemanha vivia um período complicado no pós-guerra, sendo uma nação abalada pela derrota e pela perda da vida social; além da perda territorial imposta pelo Tratado de Versalhes. A guerra que estava praticamente ganha na primavera de 1918 sofreu uma reviravolta em meados de julho com uma contra-ofensiva dos Aliados (Rússia, Grã Bretanha e França). O impacto da derrota iminente desiludiu ainda mais os soldados e a

população alemã. Os combatentes, ainda durante o conflito, já enxergavam a guerra não mais como uma oportunidade de unificação e honra. O desejo de que todo aquele ambiente aterrador terminasse era forte e recorrente. Eles não conseguiam mais entender os objetivos da guerra, a submissão de ordens de um Estado que não se preocupava nem com subsídios essenciais para manutenção da atividade de um exército, e a distância dos familiares – aqueles que realmente se preocupavam com a vida dos combatentes.

*Para seu horror, perceberam em questão de meses que aquela guerra (...) não seria um breve confronto beligerante marcado por batalhas decisivas e baixas limitadas. Ao contrário; foi uma coisa muito sangrenta e arrastada, com homens cobertos de lama e em estado de choque pelas granadas passando semanas e meses em trincheiras. No segundo ano da guerra, marcado pelas chamadas grandes campanhas no Somme, (...) os homens do front compreenderam que a guerra não levava à glória, mas um modo de vida que exigia imenso sacrifício pessoal e sem fim à vista.<sup>7</sup>*

Os soldados alemães saíram da Grande Guerra derrotados, porém aliviados com seu término. Na ânsia para pôr fim à guerra, os soldados alemães praticamente foram embora para casa; largaram suas posições no *front* e retornaram para seus pais, suas mulheres e filhos, ou, simplesmente, para o lar. Seria ilusório demais imaginar que esses combatentes ficaram imunes aos horrores das batalhas. O desgaste físico era apenas um dos pontos. O plano psicológico deles estava, em sua maior parte, arruinado, devido às experiências desmoralizadas pela guerra de trincheiras, pelas políticas de guerra, pelos problemas sociais e econômicos (fome, cansaço, inflação).<sup>8</sup> Nada surpreendente para uma guerra que matou mais de oito milhões de pessoas.

A derrota na guerra desencadeou o colapso das idéias da sociedade alemã de orgulho e identidade nacional. Nos últimos meses da guerra, quando ela já estava perdida para a nação germânica, os generais das forças armadas perderam a fé em seus objetivos de conquistas e batalhas estratégicas. A meta era eliminar os inimigos, não importasse os efeitos dessas ações sobre o povo alemão. Se o ícone da defesa da nação – as forças armadas – já não ligava mais para o que ela viesse a ser, os civis também não tinham por que pensar em defendê-la. A ideologia pregada pelo exército foi, durante todas as batalhas, uma hipocrisia. Se a população já estava cética e insatisfeita com esses conflitos e idéias, a dissimulação das forças armadas foi o golpe final.

---

<sup>7</sup> DWORK, Deborah & VAN PELT, Robert Jan. **Holocausto**: uma história, p.72-3.

<sup>8</sup> BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**.

Assim, todo o ideal de nacionalismo construído secularmente nas terras germânicas caiu por terra. As pessoas refletiram sobre essas idéias e sentiram-se feridos em seu orgulho. A decepção assim como as insurreições revolucionárias, tomou conta da Alemanha. Antes do final da guerra, a forte pressão do povo alemão e o agravamento dos motins revolucionários – por parte da sociedade civil e militar na busca por reestruturação dos comandos políticos – culminou na demissão do príncipe Max von Baden (o chanceler do Império) e na abdicação do Kaiser Guilherme II, que fugiu para a Holanda. A proclamação da República de Weimar é realizada pelos social-democratas para antecipar a possível tomada bolchevique pelo poder na Alemanha.

### III

Adolf Hitler participou da Grande Guerra também. Em sua autobiografia, Hitler afirma que prestou o serviço militar com enorme prazer, colocando em mente dar o sangue pelo povo alemão ou pelo governo que representasse honestamente esse povo. Para ele não importava se lutava pelos Habsburgos, mas algo tinha de ser feito para que os eslavos não ditassem o destino dos alemães. “A Alemanha é que lutava pela sua vida, e com ela, o povo pela sua existência, pela sua liberdade, por seu futuro.”<sup>9</sup> O ato heróico descrito por Hitler foi desde sempre parte de sua retórica. É a necessidade de unir a nação, dar identidade aos alemães para que eles possam prosperar e lutar contra os inimigos da nação germânica.

Com o término da guerra e a crise civil em curso, o regimento do exército do qual Hitler participava ordenou que ele verificasse a atuação de um novo e pequeno partido na Alemanha – o DAP (Deutsche Arbeiterpartei), Partido dos Trabalhadores Alemães –, pois o exército investigava aqueles que participaram do curto regime soviético em Munique. Quando Adolf Hitler foi assistir à Assembléia do DAP, ele escutou a Conferência de Gottfried Feder – o qual ele já conhecia de seus cursos paralelos – e a outro palestrante que lhe causou repudia. Assim, tomou a palavra e ganhou a admiração dos presentes.<sup>10</sup> Após alguma relutância, ele aderiu ao partido. Percebe-se aí que Hitler sonhava com um projeto que transformasse a situação atual da Alemanha. Além disso, nada mais fácil de fazê-lo do que em um partido com poucos membros iniciais; o programa que ele desenvolvesse

---

<sup>9</sup> HITLER, Adolf. **Minha luta**, p. 110.

<sup>10</sup> Ibid., p.144.



serviria de base para os demais integrantes do partido. Logicamente, reconhecer o valor de Hitler no terreno político também o instigou a entrar no partido. Afinal, ele nada mais era do que um cidadão quase preso pela ala esquerda do exército alemão, sem carreira, sem profissão e sem bens. Pode-se considerar a única oportunidade favorável para alguém como ele na situação em que se encontrava.

Em pouco tempo, com a conquista da liderança do partido, Hitler transforma o Partido dos Trabalhadores Alemães em Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. A noção de movimento era fortemente pregada dentro do partido, desejo sempre manifestado por Hitler. Os fascistas – ressaltando o nazismo como um segmento desta ideologia – viam-se mais como antipartidos (não pertenciam à direita nem à esquerda). Mas na maioria das vezes se autodenominavam “movimentos”, visto que tinham por objetivo a sua versatilidade e astúcia discursiva para realizar alianças políticas (no sentido amplo da palavra). Antipolítico, engajado, anti-socialista e unificador eram algumas faces do movimento na conduta de conquistar alianças. E para conseguir as metas estipuladas, o Partido Nazista organizou-se para o combate político.

*Por sobre a imagem da nação dilacerada, com seus conflitos e antagonismos sociais, o Partido Nacional-Socialista ergueu-se estruturado em uma plataforma de ação que visava, essencialmente, construir um Estado baseado na confiança, honra, disciplina, ordem e dedicação, e que deveria conter, além do velho sonho de uma unidade harmoniosa, também a idéia não menos sugestiva de uma nação poderosa e temida.<sup>11</sup>*

Fica claro que essas ambições do partido – como honra, ordem, etc. – se modificam ao passo que a política do país e a ordem social muda. Logicamente a retórica não é a mesma que a prática, mas os nazistas a adequavam de maneira a angariar o apoio das massas. Não importava as atitudes concretas do Partido Nazista, pois de alguma forma, o que ele mantinha acesa era a idéia de que os fins justificariam os meios. Não há como afirmar, também, que o objetivo dos nazistas sempre foi a aniquilação dos judeus. Não obstante, o partido era anti-semita, antibolchevique e antiburguês desde a sua fundação, antes mesmo de Hitler fazer parte dele. Hitler também possuía essas características antes de ingressar no partido. Mas, diagnosticar o anti-semitismo como essência do nazismo é um equívoco. Na Itália, o fascismo de Benito Mussolini tinha relações ambíguas com os

---

<sup>11</sup> RIBEIRO JÚNIOR, João. **O que é nazismo**, p. 23.

judeus. Concomitantemente à perseguição dos mesmos, o *Duce* nomeava judeus para ocupar cargos importantes em seu governo. Talvez, o que podemos situar como essência fascista é a conveniência, ou seja, para conseguir aquilo que era de interesse dos fascistas, eles eram capazes de se transformar em qualquer coisa, mesmo que fosse de encontro com os seus princípios.

As práticas antijudaicas adotadas antes da chegada ao poder dos nazistas era basicamente a ofensa verbal. A República de Weimar contestava as atitudes contra os judeus e, portanto, não tolerava a violência. Mas o discurso agressivo dos nazistas era feito em suas reuniões e assembleias. Era inegável a aversão aos judeus, contudo o genocídio não era uma proposta possível nem comentada, apesar de ser o desejo dos anti-semitas há tempos. Logo, visando ao crescimento e reconhecimento do partido, as propostas eram primeiramente derrubar o capital internacional e fazer a Alemanha se desenvolver através do chauvinismo da comunidade alemã, xenofobia, nacionalização de empresas monopolistas e centralização do poder na figura de um líder (o Guia do Reich, o *Führer*). Ou seja, já estava implícito o ódio ao parlamentarismo e a vontade de instaurar uma ditadura para que os programas de governo fossem efetuados. Nada mais oportuno do que a ocasião de descrença pós-guerra em que a Alemanha vivia.

A representação dos antagonistas do Estado alemão foi construída historicamente, sendo que alguns fatos propiciaram o agravamento das imagens destes inimigos. Em meio à oportunidade e à sorte, Hitler conseguiria fazer desses fatos aleatórios instrumentos eficazes na constituição dos rivais da Alemanha. Para regenerar os cacos em que o país se tornou e nutrir a pátria de nacionalismo e pangermanismo, era necessário atribuir a culpa a alguém, uma culpa fictícia. Esse alguém foi, especialmente, os judeus. Os alemães, assim como outros países europeus – França, Inglaterra e até mesmo a Rússia – já compartilhavam o anti-semitismo. O colapso da economia alemã ao final da guerra fez com que grande parte da população desprezasse os eslavos e os tchecos. Os direitistas condenavam o marxismo e os esquerdistas reprovavam o liberalismo. Já Adolf Hitler e outros radicais anti-semitas criticavam o marxismo como preparador do terreno para o estabelecimento do capital internacional na Alemanha.<sup>12</sup> E mais, para eles, o capital internacional (que visava a entupir

---

<sup>12</sup> Hitler foi um leitor assíduo desde muito jovem. Freqüentava as bibliotecas de Viena e Munique quando morou nessas cidades. Ao contrário do que se imagina, ele não lia apenas obras anti-semitas e de cunho

os alemães de juro e a levá-los a um consumismo exacerbado e irracional) era o causador das guerras. Guerras que, após a pior experiência alemã em batalhas no novo século, era repudiada pela população germânica. A imagem do marxismo piorava à medida que esses males eram associados ao judaísmo como predecessores e propagadores desta doutrina.

*Os fascistas necessitam de um inimigo demonizado contra o qual mobilizar seus seguidores, mas, é claro, o inimigo não tem necessariamente que ser judeu. Cada cultura específica seu próprio inimigo nacional. Embora, na Alemanha, os estrangeiros, os impuros, os contagiosos e os subversivos muitas vezes se mesclassem na imagem demonizada do judeu, os ciganos e os eslavos também eram alvos de ataque. Os fascistas americanos demonizaram os negros e, algumas vezes, os católicos, além dos judeus. Os fascistas italianos demonizaram seus vizinhos eslavos do sul, especialmente os eslovenos, como também os socialistas que repudiavam a guerra de renascimento nacional.<sup>13</sup>*

A descrença nas atitudes do governo na República de Weimar instaurada na Alemanha levou o partido a criar algumas instituições paralelas que o ajudasse a implementar seu regime. No início da década de 1920, intencionando uma ética mais agressiva e ação mais ofensiva contra os partidos burgueses e tradicionais alemães, o NSDAP cria a sua própria polícia para proteger os nazistas em seus comícios e passeatas: a SA (Sturmabteilung – Seção de assalto). Devido às novas ofensivas, o partido não poderia mais confiar na proteção da polícia republicana e, também, a SA serviria como uma instituição paralela que estabeleceria o terror e a agressão aos inimigos dos nazistas e às classes rejeitadas por eles. O partido era agora autônomo em qualquer concepção. A possibilidade de fazer aquilo que pensasse era um resultado mais que oportuno para os nazistas. Eles eram donos da própria fala. Caso houvesse discórdia, a coerção feita pela SA era a solução. Posteriormente, após a chegada ao poder, a SA é substituída pela SS (Schutzstaffel – Tropa de proteção), a Gestapo é criada e os *Kommandos* também são instituídos. Instituições do Estado responsáveis pela violência legitimada e causadora do terror.

#### IV

---

racista. Em sua base teórica para a constituição econômica do Estado alemão se incluía Marx, Keynes, Smith, etc. O fato de Marx estar associado ao judaísmo e o bolchevismo estar associado a Marx, a discórdia de seus escritos fica evidente. Muita coisa realmente não concordava com os pensamentos de Hitler, mas parte de suas estratégias eram de influência marxista. É claro que na busca por formar imagens do inimigo da nação, muita coisa era permitida. Marx como um teórico representado pelos bolcheviques e pelos judeus deveria ser usado como um defeto do alemão.

<sup>13</sup> PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**, p.72.

Mais uma vez, a crise toma conta do país. As atitudes efetivadas pela República de Weimar não contentam o exército, a burguesia nacionalista e os grupos extremistas, tanto de direita quanto de esquerda. Greves, assassinatos e outras resistências hostis ao regime constituem o clima da época. A hiperinflação, a miséria e a insegurança formam a nova realidade alemã. O Partido Nazista aproveita a situação e parte para uma revolução radical direitista, o golpe de Estado, posteriormente conhecido como o Putsch da Cervejaria de Munique. Os nazistas e outros grupos que apoiavam o golpe foram repelidos. Hitler foi mandado para a prisão da qual saiu quase um ano depois.

A figura de Hitler ganhou projeção nacional somada à imagem de herói da nação. Ele volta para o partido que se encontrava em divergências e disputando eleições. Não que o partido tenha-se convertido à democracia, mas ele precisava voltar ao jogo político, não importasse os meios. O partido não conseguia fazer seus candidatos à presidência lograr o cargo, mas obtinha bons resultados em algumas eleições regionais. Ao final da década de 1920, o comunismo aparecia como possível realidade na Alemanha e a crise de 1929 faz a economia entrar em colapso, o que induziu os industriais, fazendeiros e outras elites conservadoras a apoiar o Partido Nazista. Hitler se candidatou a presidência em 1932 em concorrência com o já presidente Marechal Hindenburg. Hitler perde as eleições e, em meio a crises e traições, o presidente Hindenburg nomeia Hitler para o cargo de chanceler (com manobras arquitetadas pelo ex-chanceler Franz von Papen e os políticos conservadores). A intenção dos conservadores era de um governo fantoche. Enquanto Hitler mostrava seu rosto para o público como chanceler (possuía a mesma função de primeiro-ministro), os conservadores (inclusive Franz von Papen que seria o vice-chanceler) comandariam a República.

*Mas este frívolo e conivente político [von Papen] não conhecia Hitler – ninguém efetivamente o conhecia – nem calculava o poder das forças que tinham desabado sobre ele. Nem Papen, nem ninguém, com exceção de Hitler, percebia totalmente a inexplicável fraqueza, que agora raiava pela paralisia, das instituições vigentes – o Exército, as igrejas, os sindicatos, os partidos políticos – ou da imensa classe média não nazista e do proletariado altamente organizado, que em sua totalidade, como melancolicamente observou mais tarde Papen, “se entregariam sem luta”.<sup>14</sup>*

O erro desses políticos foi subestimar Hitler. O processo de nazificação da Alemanha teve seu início em janeiro de 1933. A responsabilidade do destino na época

---

<sup>14</sup> SHIRER, William. **Ascensão e queda do Terceiro reich**, p. 279.

imprevisível e infortunado da Alemanha é carregada também por parte dos alemães que não eram simpatizantes do nazismo. Na disputa política que o país passava no final da República de Weimar, o engano desses grupos foi pensar que impediriam o poder dos nazistas brigando sozinhos. O Partido Nacional-Socialista nunca atingiu a maioria absoluta nas eleições livres, mesmo após a regência de Hitler como chanceler e a possibilidade de controlar aparelhos de comunicação, os votos a favor dos nazistas não atingiam mais que 45 por cento. Os partidos políticos e as pessoas contrárias ao nazismo só tinham uma opção, e essa nunca foi tomada: a união de todos aqueles contra o nacional-socialismo; logo, não há como negar que a ambição e o egoísmo desses sujeitos colaboraram para a ascensão de Hitler ao alto comando alemão. Com a morte de Hindenburg em 1934, Hitler declara por decreto a igualdade das funções de chanceler às de presidente. O Partido Nazista, que já era, por decreto, o único legal no país, é agora o governante supremo na Alemanha.

Com base nesses fatos, a idéia de que os fascistas chegaram ao poder através de atitudes heróicas é, portanto, outro equívoco cometido ao falar sobre o tema. Na Itália, Mussolini e seus seguidores incendiaram casas, saquearam lojas, escritórios e residências de líderes e católicos socialistas, ocupando várias cidades, sendo muitas delas governadas pelos esquerdistas. Na Alemanha, o Partido Nazista utilizou, assim como os fascistas, de extrema violência no intuito de aprofundar a crise e tomar o poder. A noção de golpe de Estado é também errônea. A despeito da tentativa de Hitler em tomar o poder por meio de um golpe violento, em 1923, a situação posterior que o levou ao cargo mais alto no regime em 1933 foi diferente, como mostrada acima. Tanto Hitler quanto Mussolini foram convidados pelo regente em exercício do país da época em meio à crise aprofundada pelos próprios fascistas, ou seja, eles assumiram seus cargos no pleno exercício da legalidade constitucional. Logo, percebe-se que a violência *anterior* desses partidos levou à crise política e a *posterior* serviu para legitimar a ditadura. Os conservadores, portanto, embora odiados pelos fascistas, foram alianças importantes, já que eles não viam perspectivas futuras em se aliar a outras correntes que almejavam a destruição do poder conservador. E do outro lado, os conservadores viam nos fascistas uma alternativa contra a conquista do poder dos socialistas. Ou seja, o fascismo era, para eles, dos males o menor.

A crise fomentada pelos fascistas levaria a uma violência contra o Estado e isto era algo inaceitável pelos conservadores<sup>15</sup>. Contudo, a ação direta poderia dar vantagem aos seus principais inimigos: a esquerda. Os conservadores também financiaram os fascistas e nazistas para eliminar a esquerda (principal inimigo em comum). Já no poder, esses dois partidos ofereceram cadeiras e cargos aos conservadores para que estes, ao menos, se contentassem com uma fatia do poder.

## 2. A figura do líder e o regime

### I

Desde cedo, Hitler procurou estabelecer uma personagem na qual pudesse atuar e dissimular. Tais desejos o tornaram um grande chefe estadista e as suas habilidades para tanto surgiram logo cedo. Atitudes frias e distantes predominavam em sua personalidade e o ajudaram nessa caminhada rumo ao poder.

*Hitler era um homem desesperado, mas ao mesmo tempo, o visionário de um mundo novo, heróico pagão e científico. Foi criança e adolescente infeliz, acicatado pela vergonha e pelo ressentimento, sem a menor dúvida, após 1918. Que o ódio tivesse origem nas recordações tristes e dolorosas de uma criança humilhada é plausível, e que, como acontece com tantas pessoas, compensasse certos sentimentos de inferioridade, é também aceitável. Mas não se deve dar importâncias demais a essas circunstâncias. Houve e há milhões de crianças humilhadas que nem se tornam desesperadas nem brutais. Ou como disse Schramm: Hitler não pode ser explicado nem em termos de suas origens sociais nem das influências do ambiente inicial, e tampouco na base do fato de que nasceu em um povo peculiar.<sup>16</sup>*

Ao se tornar chefe do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, Hitler proibiu divulgações de fotos e também de fatos pessoais, atitudes que ele tomava como ofensa. Desde sua juventude, ele era um homem reservado, um estranho entre aqueles

---

<sup>15</sup> Robert Paxton aponta que um ponto favorável ao sucesso do nazi-fascismo era o apoio da justiça e da medicina. Na Alemanha, os juízes não-nazistas eram conservadores e mesmo assim aliarão-se à política dos nacional-socialistas. Os médicos, por sua vez, cooperaram com seus experimentos e trabalhos exercidos em prol da seleção biológica da raça pura. Já na Itália, os juízes tinham afinidade com o fascismo na sua política rígida de manutenção da ordem pública e da grandeza nacional. O encaixe de interesses foi fundamental para o sucesso das políticas do *Führer* e do *Duce*. Inibir a esquerda de chegar ao poder valia para esses partidos qualquer ação. Visto que os esquerdistas tinham amplo apoio populacional, o melhor a ser feito era a aliança entre os dois principais inimigos dos socialistas.

<sup>16</sup> LUKÁCS, John. **O Hitler da história**, p. 61.

com os quais convivia.<sup>17</sup> Logo no início de sua carreira política, percebia-se o grande propagandista consciente (das suas causas e efeitos), pois ao proibir fotografias suas, deixava nas pessoas um ar de mistério sobre ele.

Desejava não somente criar um fascínio carismático, como também estabelecer uma atmosfera de mistério e dúvidas quanto a si mesmo. Esforçou-se para apagar vestígios sobre sua origem, seus pais, sua cidade. Forçou sua irmã a trocar de nome e alterou no registro a função empregatícia de seu pai. Pôs no ostracismo um ideólogo racista e, ao que tudo indica, matou seu ex-companheiro de albergue. Dizia-se autodidata, afirmando que tudo o que pensa e faz são produtos da sua inspiração, negando totalmente ter possuído um mestre, um professor. Essas atitudes foram favorecidas pelo fato de Hitler ter nascido além das fronteiras alemãs. Tal obscuridade jamais saiu da sua mente, e ele sentia que, mesmo com o respeito, as regras e a ordem adquiridas por seus atos ainda não eliminavam o perigo da penetração alheia em seu passado.

## II

A imagem do ditador todo-poderoso é vista por nós como a representação única e clara do fascismo, fazendo-nos equivocadamente compreender este fenômeno ou forma de governo apenas examinando o líder, isolado de tudo. Dessa suposição, podemos interpretar as intenções dos propagandistas do nazismo quanto à redução do regime à figura do líder carismático. Essa redução era uma tarefa que deveria chegar ao mundo, ou seja, a ilusão de um poder monolítico deveria atingir os súditos, as elites, os aliados e os inimigos da Alemanha. Eles obtiveram êxito nessa estratégia, que além de aumentar a autoridade do líder e o respeito por ele, alimentava o terror também que os Aliados da 2ª Guerra tinham por esses indivíduos e suas formas de governo.

Os efeitos dessa propaganda podem ser encontrados ainda hoje. Muitos ainda enxergam as políticas nazistas como ações exclusivas de Hitler. O desprezo e a perseguição aos judeus por toda a Europa, assim como o recrutamento de apoio das massas, são vistos

---

<sup>17</sup> Apesar de toda a conduta anti-social e sistemática de Hitler, ele veio a se tornar um homem dotado de carisma e grande capacidade de comunicação com um grande público. Características essas que não costumam se desenvolver em pessoas de pouca expressão. O condicionamento anti-social tende a deixar o indivíduo mais tímido, fato esse que desenvolveu um efeito contrário em Hitler. Ao ficar mais velho, sua capacidade de lidar com o público foi surpreendente.

como a vontade do ditador, destituindo o partido e aqueles que apoiaram o governo de toda e qualquer responsabilidade. Além disso, esse reducionismo tende à demonização de Hitler, figurando-o como um monstro. Esta noção é combatida por Hannah Arendt através da teoria da *banalidade do mal*, que será discutida no próximo capítulo.

Então, como era a estrutura do poder do regime nazista enquanto não reduzida à pessoa de Hitler? Há duas posições que direcionam à concepção de um Estado poliocrático. Uma diz respeito à existência de dois tipos de estados inseridos no próprio regime. A teoria desenvolvida por Ernst Fraenkel<sup>18</sup>, chamada de “Estado Dual”, apresenta o Estado prerrogativo e o normativo. O primeiro é formado pelas organizações paralelas do partido, como a SA, SS, Gestapo. O segundo é formado pelas autoridades legalmente constituídas e pelo serviço público. Esses dois coexistiam em uma cooperação conflituosa, porém competente, através do legalismo e violência arbitrária, mas o prerrogativo assumiu um domínio quase que total ao sobrepor o normativo. Daí, partia a política autoritária e inquestionável dos nazistas, que poderiam atuar da maneira que bem entendessem e pondo em prática as idéias que se tornaram prioridade a partir da sua chegada ao poder: entre os cidadãos alemães, os judeus não estão inclusos.<sup>19</sup>

Hanna Arendt aponta o governo dos nazistas como uma coexistência conflituosa entre o Estado e o partido sem uma estrutura definida. Essa dupla autoridade camuflava quem mandava e quem era a fachada. A administração do Terceiro Reich possuía inúmeros órgãos. Essa confusão chegava aos alemães, que não sabiam mais a quem recorrer, obedecer e acreditar. A mistura da constituição da antiga República com a gestão nacional-socialista confundia as leis que os cidadãos deveriam respeitar e a composição geográfica do território alemão. O caos estrutural do nazismo era tão efetivo, que nem mesmo os membros do partido e do governo sabiam a quem se submeter ou a quem ordenar. O nazismo precisava ser caótico para se manter estável e sem perigos. O órgão a quem prestar obediência deveria ser decidido pela intuição dos cidadãos. Entra aí o respeito ao desejo da

---

<sup>18</sup> FRAENKEL, Ernst. **The Dual State**. Nova York: Oxford, 1941.

<sup>19</sup> Uma curta análise do holocausto pode ser feita a partir dessa idéia. Os campos de concentração são a prova de que o regime nazista teve uma atuação tão intensa do Estado prerrogativo, que este engoliu o normativo. Assim, em vez de partir para a normalização, o governo alemão atingiu o ápice da radicalização que foi o holocausto. As tomadas de decisões do prerrogativo ganharam mais força do que as das instituições legais do Estado. E para um partido que já possuía o desejo de eliminar os judeus da Europa, as organizações paralelas com liderança do partido só poderiam seguir nesse caminho de extremista.



liderança. Não apenas o bom senso dos alemães era preciso para a convivência no período, como também a confiança na ética como regulamentadores das ações no regime hitlerista. Visto que a confusão constitucional também jazia presente, agir conforme a ética (não dos cidadãos, mas das propostas dos nazistas) era o suficiente para a vivência entre os alemães. Saber agir conforme a consciência destituía a importância em conhecer as leis do Reich.

*A multiplicação dos órgãos era extremamente útil para a constante transferência do poder; além disso, quanto mais tempo um regime totalitário permanece no poder, maiores se tornam os órgãos e a possibilidade de empregos que dependem exclusivamente do movimento, uma vez que nenhum órgão é abolido quando a sua autoridade é liquidada.<sup>20</sup>*

Outra posição é a consideração do fascismo como algo, até certo ponto, amorfo. O cuidado com esta caracterização se deve, pois, apesar de algumas ambigüidades discursivas e nas ações governistas, o fascismo possui elementos claros. Primeiramente, ele não é basicamente uma ideologia intelectualmente trabalhada como o marxismo e o liberalismo. Na verdade, o fascismo é uma política pragmática e trabalhar em cima de correntes, teorias ou doutrinas não contribuiria para a prática que eles tanto desejavam. Mas a condição de amorfo pode ser validada no entendimento do fascismo – no caso, o nazismo – como uma quádrupla tensão<sup>21</sup>. Logo, há quatro pontos que se destacam e se relacionam: o líder (Adolf Hitler), a opinião pública (sociedade civil), o Estado (exército, políticos, funcionários públicos) e o partido (NSDAP). Apesar da tensão neste relacionamento, os quatro elementos não podem se destruir, pois, senão, o equilíbrio estaria rompido. Um dependia do outro para legitimar o regime. Hitler precisava do exército para satisfazer seu desejo expansionista, com gente treinada para as invasões e as ocupações. A SA e a SS não eram capazes de executar essas tarefas. Elas mantinham a ordem nas ruas e faziam investidas agressivas para realizar a política antijudaica. Sem o apoio do povo, Hitler e o partido não conseguiriam as suas ações. O partido precisava de Hitler devido às suas capacidades como orador, estrategista e líder carismático<sup>22</sup>. Hitler precisava do partido para manter o apoio e estabelecer alianças que alavancavam seu poder. O exército precisava de se manter em ação

---

<sup>20</sup> ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**, p. 451.

<sup>21</sup> Cf. PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**.

<sup>22</sup> Max Weber trabalha o conceito de dominação carismática como sendo um valor afetivo devotado às feições destacadas de uma pessoa, de um líder. A oratória é um desses elementos. Embora a dignidade tradicional não corresponda com aquilo majoritariamente esperado, as virtudes extraordinária de um líder definem aquilo que o público pensa dele, e, em se tratando de política, a obediência ao líder também é respaldada pelas qualidades demonstradas aos súditos.

e a sociedade civil queria uma pátria desenvolvida e próspera, desejos que os nazistas se predispunham a realizar.

Percebe-se, portanto, que esses ditadores (em qualquer tipo de regime) não podem e nem conseguem governar sozinhos. Eles possuíam colaboradores diversos, como o judiciário, a polícia, o exército, o serviço público e as poderosas elites conservadoras, as quais auxiliaram a chegada dos fascistas ao poder. Os conservadores, apesar do apoio dado aos nazistas, não eram fantoches nas mãos de Hitler e nem Hitler o era nas mãos dessas elites.

Alguns grupos econômicos submeteram-se ao governo alemão para conseguir uma área econômica independente das vicissitudes do mundo econômico. A partir disso, deve-se entender o Estado nazista distinto do conceito de totalitário tradicional (aquele Estado que não deixa nada fugir a seu controle, onde os indivíduos pensam da mesma forma que seus governantes, sem nada discordar) e também de ser um representante do capital financeiro em sua forma mais agressiva de governo. Contudo, o extermínio de judeus era uma política que contradizia a racionalidade econômica.

As indústrias que chegaram à Alemanha em 1933 saíram do Terceiro Reich bastante beneficiadas. Elas fizeram parte da estratégia de Hitler para alavancar o desenvolvimento (no início da década de 1930) para tirar a Alemanha da crise e também para realizar o rearme.

*A prática demonstrou que o anticapitalismo fascista era altamente seletivo. Mesmo em sua forma mais radical, o socialismo desejado pelos fascistas era um “nacional-socialismo”, que negava o direito à propriedade apenas aos estrangeiros e aos inimigos (inclusive os internos). Valorizavam os produtores nacionais. Sobretudo, foi oferecendo um remédio eficaz contra a revolução socialista que o fascismo encontrou seu lugar na prática.<sup>23</sup>*

As intenções propagandísticas procuravam de alguma forma esconder essa dependência do líder e do partido das outras esferas, em especial a opinião pública e as nações estrangeiras. Pode-se associar esta medida a uma possível debilidade do governante nas tomadas de decisões. O totalitarismo, como análise da característica nazista, é abalado<sup>24</sup>, visto que Hitler não tomava decisões e, quando o fazia, era para proteger sua

---

<sup>23</sup> PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**, p.103.

<sup>24</sup> O totalitarismo aqui é abalado, mas não desconstruído. Embora Hitler não tomasse todas as decisões e não fosse obedecido em todas as suas ordens, o partido possuía poderes veementes, o que já era considerável para

imagem Mas essas decisões tomadas eram ignoradas ou cumpridas pela metade; as suas margens de ação estavam limitadas por fatores fora de seu controle. A condição de “debilidade” apontada em Hitler é melhor utilizada quando referida ao conflito entre *intenção* (tomar decisões, fazer diferente) e *estrutura* do governo (conseguir executar as decisões – o que a estrutura não possibilitava). Aí sim, Hitler era fraco. Embora não haja provas dessa impotência ou até mesmo fuga de Hitler perante essas situações. Mas se é possível dizer que houve um real momento de debilidade de Hitler e seu governo, foi no período de guerra. A impotência de Hitler em relação à crise econômica foi tão grande, que fatores como a escassez de mão-de-obra geraram um antagonismo de classes, levando a uma crise geral. A população não suportava mais a guerra e suas graves conseqüências. A política social foi abandonada para a concentração do governo na produção armamentista.

Está explícita no filme *A queda: os últimos dias de Hitler* a representação desta debilidade quando o até então fiel Himmler abandona as ordens de Hitler e parte para uma resolução que lhe dizia respeito. E não só ele, como outros membros do governo e do exército deixaram de seguir os comandos do ditador para agirem da forma mais coerente e plausível no momento. Se Hitler possuía alguma fraqueza, não há como negar que ela se aprofundou no período da Segunda Grande Guerra. Logo, ao ligarmos esse fato à “solução final”, até que ponto pode-se desconsiderar a culpa do partido e dos membros das organizações paralelas a ele como colaboradores no assassinato dos judeus e outros prisioneiros dos campos de concentração? Assim como Hitler não poderia governar sozinho, ele também não conseguiria matar os judeus sozinho. Era preciso uma ajuda em grande escala, e assim como o “serviço” de delação dos alemães, a polícia, a SS, a Gestapo, os *Kommandos* e o exército serviram como perpetradores, pois, era possível, de alguma forma, violar as ordens do partido e de Hitler.

A perspectiva vista do “dividir para reinar” compreende uma maneira estratégica de construção de bases de poder. A desintegração do governo central e a dissolução do governo em vários ministérios devem-se (em parte) à deixa dos rivais do *Führer* que circulavam pelo governo, criando agências, ignorando instituições e operando fortemente contra a instrumentalização de prioridades políticas nacionais. Essas ações que

---

um regime totalitarista descrito por Hannah Arendt. Essas influências já eram o suficiente para estabelecimento do mundo fictício.

demonstravam certa debilidade, na verdade, aprecem apenas no período de guerra. Uma incongruência visto que o fascismo é basicamente uma economia de guerra e não de mercado. Aparentemente, desde que Hitler assumiu o poder na Alemanha, o desejo dele era levá-la a guerra, pois só assim conquistaria o espaço vital (*Lebensraum*).

*Sus propias acciones estaban dirigidas por sus obsesiones ideológicas. Dado que el Tercer Reich fue dirigido por Hitler, la ideología del Führer llegó a convertirse en política de gobierno. Resumiendo de manera rápida, esta es la base del tipo de interpretación “programática”.*<sup>25</sup>

### III

Comumente, o entendimento do regime nazista é basicamente associado ao genocídio de judeus. É claro que essa atitude absurda do governo ficou marcada na história da Alemanha, muito mais do que os anos antecessores aos de 1941, ano em que a leva de prisioneiros para os campos de morte foi vastamente intensificada. O problema analítico a partir dessa política conduz, mais no âmbito do público do que dos historiadores, a uma espécie de explicação por demais utilizada: loucura e/ou monstruosidade de Hitler. Mas por que é um problema? Nada mais compreensível do que as pessoas, contemporâneas ou extemporâneas ao fato partilharem dessa opinião para tentar explicar o que, raras as vezes na história, pode ser inexplicável. Entretanto, taxar alguém de louco e monstro devido aos atos atribuí-lhe um alibi indiscutível: as ações ocorreram, pois tal pessoa, no caso, Adolf Hitler, não tinha consciência de seus feitos. Ele não pode ser responsável. Além do mais, se os efeitos de seu governo foram obra de um louco, não é necessário mais procurar entendê-lo. Resumir os absurdos cometidos durante o período hitlerista como consequência de sua insanidade mental é o mesmo que passar a borracha sobre o assunto; tornou-se um assunto irrelevante, sem necessidade de abrir mais discussões sobre ele.

*Trata-se da opinião popular de que Hitler era louco. Ao afirmar – e pensar – que ele era louco, falhamos duas vezes. (...) Simultaneamente, a definição de Hitler como “louco” exonera-o de toda responsabilidade – em especial neste século – onde um diagnóstico de problema mental invalida uma condenação pela justiça. Hitler, porém, não era louco.*<sup>26</sup>

<sup>25</sup> Suas próprias ações estavam dirigidas por suas obsessões ideológicas. Dado que o Terceiro Reich foi dirigido por Hitler, a ideologia do *Führer* chegou a converter-se em política de governo. Resumindo de maneira rápida, esta é a base do tipo de interpretação “programática”. (tradução nossa). Ian KERSHAW, **La dictadura nazi: problemas y perspectivas de interpretación**, p. 104.

<sup>26</sup> LUKACS, John. **O Hitler da história**, p. 42.

Até onde tudo indica, os documentos médicos sobre Hitler não apontam nenhuma condição de anormalidade mental. Não obstante a hipocondria sistemática que o ditador alemão adotou, as suas deficiências físicas ou implicância com seu estado de saúde corpóreo nada afetaram sua sanidade. Ele tinha consciência dos atos e do que suas obras poderiam acarretar. A intencionalidade é clara, fator que não lhe tira a responsabilidade. Portanto, definir Hitler como louco ou monstro é simplesmente uma análise equivocada.

#### IV

Considerar um ditador como Hitler alguém revolucionário, é no mínimo chocante e curioso. As obras que os nazistas edificaram na Alemanha foram importantes, até o início da II Guerra Mundial. Mas depois que o anti-semitismo racista dos nazistas falaram mais alto, a busca pelo espaço vital tornou-se prioridade e a eliminação dos judeus era precisa para construir o que os nazistas chamavam de “comunidade alemã”. O governo hitlerista era apreciado pela grande maioria, que viu o país se reerguer após um período decepcionante e deletério à nação. Mas para as minorias que ainda eram presentes na Alemanha, o regime nazista era basicamente o terror. Os alemães viram a economia prosperar, as indústrias se desenvolverem e a nação se sentir novamente unida. A identidade nacional daquilo que era o “alemão” voltou a se firmar. Obviamente, essa construção foi processualmente construída na base das teorias racistas do partido.

A retomada de noções como raça, nacionalismo e o rígido controle estatal sobre as ações do povo e da imprensa garantiriam o símbolo de reacionário a Hitler. No entanto, a modernidade nas idéias e práticas do nacional-socialismo levam a ponderá-lo como revolucionário, seja na surpreendente união do socialismo com o nacionalismo e no fomento do progresso. Este indiscutivelmente aconteceu, mas caiu por terra com a provocação da guerra.

O maciço apoio popular ao *Führer* é conseqüência, também, do populismo hitlerista. A concepção de populismo aqui destacada é diferente dos outros que existiram na história. É, na verdade, um populismo moderno. Ele acreditava na soberania do povo e enxergava o populismo moderno como indissociável do nacionalismo. A figura de Hitler era tão forte no seu caráter populista que a “comunidade alemã” mantinha seu apoio ao *Führer* mesmo nos momentos mais complicados. Apesar de sua limitação pela

burocracia, de sua debilidade como determinador de ordens, a sua imagem era a base da sustentação do regime. Os conservadores e outros políticos não subestimavam mais Hitler, como o fizeram ao nomeá-lo chanceler. Durante o governo hitlerista, eles perceberam a força de sua figura. Esse populismo moderno serve de base para avaliar Hitler como revolucionário. E os resultados dessa política, da mesma forma que parte do discurso dela, o considerá-lo reacionário.

O argumento mais lógico a que se pode chegar é a dualidade da personalidade de Hitler quanto a ser revolucionário e reacionário. Ele era os dois a todo instante, o que não causa espanto devido às ambigüidades na caracterização do próprio nazismo. As ações dos nazistas se adequavam à ocasião exigida. A roda da história girava no regime nazista tanto para frente quanto para trás.

### 3. Condições

#### I

O nazismo é apontado como uma espécie de governo autoritário e repreensivo. Mas ele deve ser diferenciado de outros regimes ditatoriais a partir de suas condições, definidas a partir de etapas que percorrem o momento de formação do movimento até o seu fim. A criação do movimento por pessoas que desejavam um novo tipo de governo, que se desvinculasse das imposições do Tratado de Versalhes, impedisse o desdobramento de um bolchevismo (para superar o conflito de classes) na Alemanha e discordassem da prática liberal-democrática que corrompia os modos de vida da sociedade alemã era essencial. Fazer da própria comunidade uma vítima, para engendrar o sentimento de união e revanchismo contra aqueles que invejavam e destruíam a identidade e a pátria alemã. A paz não era desejada, mas isso não poderia ser exposto a uma sociedade que acabou de sair derrotada e assombrada pela guerra. Estava oculto nos planos do partido que a guerra é a possibilidade de superação de uma raça. Para eles que acreditavam na soberania da raça alemã, a guerra era um campo de batalha baseado no darwinismo, pela qual só sairiam vitoriosos aqueles que estavam em uma raça superior, que pudessem resistir aos obstáculos do meio das batalhas (as armas, a fome, o frio).

A consolidação do nazismo como potencial líder nacional se deu após a crise de 1929. O partido, no momento de sua criação, percebeu a importância de ter componentes faladores e truculentos de esquina que tinham em seu discurso a fluidez e a eloquência. Ao entrar no pleito político eles tornaram-se oradores de tendência extremista, no combate à esquerda e às minorias étnicas. A linguagem racista e agressiva nivelou o Partido Nazista com outros já tradicionais. Com o apoio de diversos fazendeiros do estado de Schleswig-Holstein, os nazistas obtiveram maioria incontestável na eleição parlamentar de julho de 1932. Isso é a prova de que os nazistas obtiveram suporte político devido à falta de credibilidade dos políticos tradicionais, especialmente os governantes da República de Weimar. Com a crise dos preços agrícolas e o superabastecimento do mercado, com vários produtos importados, a população não confiava na capacidade política dos tradicionalistas regentes. As alianças com as elites conservadoras e a habilidade em conquistar as massas, juntamente com a admiração delas pela violência exercida pelo Partido Nazista (o público sentia terror e admiração pelas ações agressivas das instituições paralelas do partido, pois estimavam a “consideração” nacional-socialista que violentavam seletivamente os inimigos da pátria) foram indispensáveis para a ascensão nazista.

*Uma vez que a rota fascista em direção ao poder sempre passou pela cooperação das elites conservadoras, pelo menos nos casos até hoje ocorridos, a força dos movimentos fascistas, em si é apenas uma das variáveis determinantes de sua chegada (ou não) ao poder, embora de importância vital. (...) os fascistas possuíam números e músculos a oferecer aos conservadores reféns de crises (...). Igualmente importantes, contudo, foram a disposição das elites conservadoras a trabalhar com eles; uma flexibilidade recíproca de parte dos líderes fascistas; e a urgência da crise que os levou a cooperar entre si.<sup>27</sup>*

A violência nazista foi astuta e oportunista. Aproveitando-se de uma situação caótica durante a república, os nazistas intensificaram as ofensivas violentas para agravar a crise já estabelecida. Não obstante, ainda não seria possível que eles lograssem o poder. Os partidos de esquerda ainda tinham amplo apoio dos alemães, e o Partido Nazista não conseguia maioria nas eleições. Algo precisava ser feito. Foi quando entrou em ação o plano de Franz von Papen que entregou a Hitler a “chave para o quarto da presidência” No mais, não seria possível (ainda hoje é muito complicado) partidos de extrema direita conquistarem o poder em eleições livres.

---

<sup>27</sup> PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**, p. 168.

## II

Ao ocupar o comando supremo da Alemanha, o partido nazista encontra-se em meio às divisões de poder. Como o líder não governa sozinho, precisa equilibrar as forças que mantêm os pilares da estrutura do regime intactos. A dependência de outras esferas é inevitável como já explicado. Logo, se há essa divisão, o regime parte para outra investida, a qual é característica de regimes fascistas. Na Itália, o fascismo dirigido por Mussolini esgotou as energias e o máximo que conseguiu foi uma representação simbólica do poder outrora existente com o domínio da República de Saló um pequeno território próximo à Alemanha. No caso desta última, o destino foi a radicalização. Esta seria basicamente as atitudes tomadas pelo governo para impressionar o público em geral, seja a sociedade civil, sejam os afetos ou os adversários.

Para tanto, o regime nazista cumpriu à risca as medidas anti-semitas tão expressadas nos discursos políticos. Essa radicalização, ou seja, a energia máxima ocasionada pelo governo alemão resultou em diversos momentos, sendo que o ápice deles foi o assassinato em massa dos judeus. Antes houve várias “soluções” para o *Judenfrage* (o “problema judeu”), sendo as agressões verbais, físicas, segregação, expulsão e por fim, a eliminação genocida.

Mas a conclusão que se tira deste destino cursado pelos alemães é que o regime nazista, comparando-o com o fascismo em geral, não tinha um caminho definido. Ou seja, a criação dos campos de concentração foi um rumo optado pelo governo alemão. Hitler já se via como um doente em estado avançado em meados de 1938, e todo o plano por ele arquitetado durante sua vida deveria ser colocado em prática. Não que essa vontade tivesse sido a essência nazista, mas era uma vontade dos anti-semitas e, especialmente, do próprio Hitler; digamos que era um desejo pessoal. A guerra era necessária na conquista do *Lebensraum* e para garantir a superioridade da Alemanha. Enquanto as batalhas rolavam no pano de fundo, os nazistas aproveitaram para concretizar a política eliminacionista. Assim, não haveria interrupções, nem questionamentos por base da política internacional assim que desconfiassem de um assassinato em massa. A Alemanha terminou em Auschwitz por pura vontade dos seus comandantes. Tal fato prova que no fascismo as ambigüidades realmente



são constantes, mas o anti-semitismo como elemento inato ao movimento é um enorme engano.

#### 4. O fascismo e outros *ismos*

##### I

As explicações para justificar o sucesso ou o malogro do fascismo em países europeus podem ser feitas, em parte, pelas características que envolveram os movimentos. O ambiente em que os países viviam também não pode ser excluído como fator provocador do destino dos fascistas. Um dos primeiros itens claramente observados desde a pré-criação do partido é o nacionalismo exacerbado.

Além de decepcionados com a perda da guerra, os alemães já tinham em seu imaginário a construção de uma comunidade nacional. O povo alemão deveria ser unido para combater os “males” que corrompiam o país. Esses “males” para os fascistas eram o comunismo, o liberalismo, os judeus, os estrangeiros, a democracia, etc. Essas noções tidas por eles eram basicamente frutos do nacionalismo vivido intensamente. É ele que fará do fascismo, fundamentado no pragmatismo, um movimento de luta, uma economia de guerra.

O capital internacional é o medo dos fascistas. Na Alemanha, Hitler sempre o pregava como produto do marxismo. Adequando sua retórica para destituir a importância dos partidos esquerdistas alemães – pois estes contavam com amplo apoio da população –, o capital internacional que seria um elemento desenvolvido pelo liberalismo, deixou de existir enquanto característica própria dele. Era um discurso equivocado completamente forçado e consciente para delinear suas práticas.

##### II

Para compreender a oposição fascista ao liberalismo, é preciso ter em mente o que é este último. Segundo o desenvolvimento deste conceito pelos teóricos economistas, o liberalismo é um sistema em que o indivíduo é o protagonista. Ele é o alvo, pois a liberdade de comprar, andar, e viver mantem o sistema. Logo, ao mesmo tempo em que o indivíduo é o protagonista, o sujeito, ele é o instrumento. Visto que o indivíduo não depende do outro, que ele é dono de seu destino, então a comunidade nacional entraria em ruptura se o

liberalismo fizesse parte do fascismo. O povo tem de se sentir parte do social, que a vida dele só tem sucesso na medida em que o coletivo está bem.

*Antiliberal, o fascismo combate todas as liberdades que ameaçam enfraquecer a autoridade do poder e a coesão do grupo nacional, liberdade de expressão das opiniões, liberdade de discussão oral e escrita. (...) Alguns regimes conservam, sem dúvida, um simulacro de assembléia representativa, mas que só representa o partido no poder: o Reichstag na Alemanha nazista, a Câmara dos fascios e corporações instituídas pela Itália fascista. Em realidade, essas assembléias não deliberam: simples câmaras de aprovação, destinam-se a dar publicidade às manifestações oratórias dos chefes do regime e a aprovar – por unanimidade – as decisões tomadas fora delas e que lhes são submetidas por formalidade.<sup>28</sup>*

Além do mais, o liberalismo só é possível em uma democracia, e para os fascistas, a democracia não era um sistema de governo ideal. Para eles, era preciso ter um líder, um guia que conduzisse a nação para o progresso e união, não importasse a maneira como seria este caminho. A democracia exige o parlamentarismo; esta instituição limita os poderes do executivo, fato que impediria os fascistas de exercerem a sua política prática e rígida. Os membros do parlamento dificultariam a imposição da ideologia desenvolvida pelo fascismo. Então, definitivamente, o antiparlamentarismo é uma característica fascista.

Combater o racionalismo proposto pela democracia é um ponto defendido pelos fascistas. As políticas são manifestadas mais por instinto e executadas através da imposição e da força física<sup>29</sup>. Da mesma forma o combate é feito ao socialismo. Este que propõe a universalização dos valores e dos princípios gera conflitos com a política antiinternacionalista dos fascistas. No caso, o importante está na exaltação da hegemonia da nação. O fascismo vê o socialismo e o parlamentarismo (órgão vinculado à democracia) como uma fraqueza. Embora as relações com outras nações no decorrer do regime nazista, as alianças – apesar de irem contra os princípios – são necessárias para a ação política do partido. O jogo de interesses abandona o embate teórico e se afirma na prática.

---

<sup>28</sup> RÉMOND, Renè. **O século XX**: de 1914 aos nossos dias, p. 97.

<sup>29</sup> Ibid.

## CAPÍTULO II

### A estrada de tijolos: o anti-semitismo, a teoria e a política eliminacionista

#### 1. Cultura, alteridade e sociedade

##### I

Simone de Beauvoir disse uma vez que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Sim, as pessoas nascem macho e fêmea. A construção do ser homem e ser mulher é totalmente social. A sociedade prepara o macho para ser, agir, vestir e pensar como homem e a fêmea para ser, agir, vestir e pensar como mulher. O mesmo pode-se dizer dos alemães. Eles não nascem anti-semitas; não é uma característica inerente, pois ela é uma particularidade cultural. Se os alemães, como Goldhagen afirma, odiavam os judeus, isso se deve à condição colocada pela sociedade, seja através da Igreja, dos governantes, dos cidadãos.

Mas o que se entende por cultura? Antonio Sidekum apresenta “cultura” como síntese de toda a atividade histórica de uma pessoa, ou como processo de dominação sobre o outro enquanto ser social. Ao analisar bem, nenhuma dessas concepções está errada. Se “cultura” fosse tão fácil de definir, não seria preciso buscar em diversas ciências (Filosofia, História, Sociologia, Antropologia, Pedagogia) o seu significado. Cultura também é aquilo que vemos, entendemos, produzimos, destruímos e construímos o mundo. Para o autor, a melhor definição é o processo de idealização (realidade do mundo como meio potencial de ser transformado) e de manipulação (a transformação em si, a humanização que resulta no processo civilizatório) do mundo ambiente. Não há como fugir disso. Logo, as nossas idéias sobre moral, valores, ética, política e arte (emoção, vida, etc.) são elementos participantes da cultura, a qual, por sua vez, é construída historicamente. E a partir dessas noções, uma é construída bem no subjetivo do indivíduo: foro íntimo. A concepção de foro íntimo é ligada ao abstrato, mas que tem em si, manifestações reais, materiais. Ele transforma a consciência em juíza e decide a maneira que se deve agir; os valores que vivenciamos e apreendemos são considerados o júri, assim como a ética e a moral.

A alteridade provoca a conscientização, já que ela posiciona na frente do ego o *alter*, ou seja, antes do “eu” vem o “tu”. Axiomas como “a sua liberdade acaba quando a do outro começa” são corroborados pela alteridade. E ao trazer a conscientização, a alteridade absoluta do outro acende a memória histórica, pois ela rompe com a “mesmice” do processo de experiência; as mudanças tornam-se possíveis. E como a cultura é ligada à alteridade? Segundo Sidekum, “a alteridade é a irrupção histórica da novidade dentro dos processos culturais”. Se a alteridade é um mecanismo que suscita modificações e a cultura é impulsionada pela novidade, a dimensão das duas concepções situa-se no mesmo plano. Elas estão sempre de alguma maneira interligadas. Enquanto a cultura permite que o sujeito interfira na realidade do mundo e a transforme, a história é concomitantemente construída, transformando este sujeito em ser social. Ele interage, ou seja, está em contato com a alteridade.

## II

Até que ponto permanece a (in)tolerância no âmago deste ser social? Ela tem, em parte, influência da instituição educadora, pois esta é moldadora da cultura. A tolerância é produto da experiência da alteridade. Na medida em que o “tu” vem primeiro, é preciso refletir sobre os valores e princípios da cultura do outro antes de colocar o ego como vitorioso. O julgamento deve ser provido de bom senso, visto que a alteridade é vivenciada.

Exatamente por isso, a alteridade (exterioridade infinita do outro) dá sentido à ética, aos valores e aos sentimentos. Ela leva à consciência a condição de saber o que é justo nas relações com o outro. O foro íntimo induz a essas considerações do *alter*. Alteridade e cultura coexistem e fazem parte de um processo dialético. A primeira auxilia na compreensão daquilo que se entende por exotismo, que na verdade nada mais é do que uma outra cultura.

As relações da sociedade alemã com os judeus foram construídas de forma que o judeu não fosse totalmente aceito como uma outra cultura, mas como uma doença. É essa incapacidade de tolerância, juntamente com outras eventualidades que fizeram de Adolf Hitler um líder anti-semita que colocou em prática, juntamente com outras instituições, o ódio aos judeus.

Daniel Goldhagen aponta que o anti-semitismo é um axioma na sociedade alemã, antes e durante o nazismo. Desde a Idade Média a repulsa e o ódio pelos judeus são evidentes e, mais importante, sem distinção de classes quanto a esse imaginário; tanto as elites quanto as pessoas “comuns” eram anti-semitas.

A idéia de que os judeus eram parasitas e malévolos com intenções de prejudicar os alemães está num patamar, digamos, metafísico. É um pensamento criado e alimentado por uma crença (absurda), assim como são as idéias racistas e antropocêntricas. A religião também está nesse plano e ela mina aqueles que pensam ser impossível existir idéias (como o anti-semitismo) e crenças num mundo ou século considerados (pós-) modernos. Abstendo-me do julgamento de certo e errado, crer em Deus ainda é uma realidade; as idéias raciais também são, a morte por um lugar, mesmo assassinando outros humanos persevera em nosso cotidiano. Então por que considerar absurdo a existência do anti-semitismo na sociedade, especialmente a alemã? É puramente possível, embora não seja aceitável. O modelo cognitivo e a cultura são a fonte do preconceito. Este é a “manifestação da busca de significado pelas pessoas”. As características dadas pelos anti-semitas aos judeus são baseadas de fora para dentro da cultura judaica. Mas para dar um sentido mais direto ao ódio, alguns elementos judaicos são capturados e expostos na concepção preconceituosa formada pelos anti-semitas.

O anti-semitismo é associado à ordem moral, pois mesmo com as mudanças políticas, econômicas e sociais, as noções anti-semíticas adaptam-se à nova ordem. Além do mais, mesmo uma sociedade que nunca tenha convivido com judeus carrega o ódio como um legado cultural de sociedades passadas. O anti-semitismo, contudo, não murcha por dois motivos: 1) o abandono das causas anti-semíticas por uma sociedade condicionaria a uma reconceitualização dos judeus e 2) os judeus já têm, de longa data, sido agredidos política e socialmente (física e verbal), sendo que, se uma transposição de ódio a grupos fosse feita, o custo seria maior, já que os judeus estão “acostumados” a essas posturas. Estes dois motivos apontados por Goldhagen quanto à perpetuação do sentimento de ódio é sinal de uma transposição de análise. A tendência que antes ainda possuía um teor explicativo agora assume um tom vitimizado.

## 2. A visão de Goldhagen e outras perspectivas

### I

A análise sobre anti-semitismo de Goldhagen é interessante, mas ela traz certos problemas. Como já falado, encarar o anti-semitismo como essência do nazi-fascismo é errôneo. A construção do anti-semitismo na Alemanha é realmente secular, mas não apenas lá, como em outros países europeus também ocorre essa concepção contra os judeus. A França tinha um índice de anti-semitismo muito maior do que na Alemanha; a Inglaterra também não ficava pra trás; a Rússia detestava os judeus idem, contudo, quando Lênin chegou ao poder, o anti-semitismo não estava mais à flor da pele dos russos. Na estrutura dos argumentos de Goldhagen, o anti-semitismo era tão intrínseco aos alemães, que mesmo uma parte da população que nunca nem sequer tenha convivido com judeus sentia o desprezo por eles. O ódio estava no âmago dos alemães, e o partido nazista não poderia ser diferente.

O autor aponta as falhas institucionais dos encarregados do genocídio. Mostra através de uma carta de um oficial, o capitão Wolfgang Hoffmann, as recusas às ordens e obrigações dos oficiais subordinados e responsável pela matança dos judeus. Um dos pontos fundamentais propostos para entender o tema é analisar quem foram os perpetradores do Holocausto; e, conforme o autor, eles foram, fundamentalmente, os alemães inseridos como oficiais SS, policiais ou guardas de campos de concentração. E, para entender profundamente o genocídio de judeus, é necessário desvendar quem foram essas pessoas antes e durante a perpetração de assassinatos.

Não há como negar que a população alemã também contribuiu com o genocídio, pois, embora o governo escondesse (com meias intenções) os assassinatos e a existência dos campos, os alemães compreendiam o que o governo fazia, pois já estava no discurso de Hitler. Foi uma contribuição dos alemães para o processo de subjugação. O fator essencial que ocasionou essa matança de judeus pelos alemães comuns é as crenças anti-semíticas

alemãs. Elas não só auxiliaram nas decisões de Hitler como também motivaram os alemães à vontade de executar os judeus.<sup>30</sup>

Na intenção de se compreender as causas subjetivas daqueles que participaram da matança, Goldhagen elabora um balanço analítico apontando os cinco principais argumentos sobre os perpetradores. O primeiro refere-se à condição, ou melhor, a não condição dos carrascos em refletir sobre a alteridade. Devido à autoridade e severidade das instituições em ordenar e punir os subordinados desobedientes, os carrascos se impunham ao egoísmo, ou seja, seu salvamento dependia do assassinato do outro (no caso, o judeu).

Já o segundo argumento refere-se à “tendência inata humana em obedecer à autoridade”. O carrasco fica “cego” perante o carisma de seu líder e acredita ser necessário o cumprimento das tarefas por ele ordenadas. O terceiro argumento diz respeito à enorme pressão sofrida pelos perpetradores para agir conforme à lei; uma pressão social e psicológica alimentada pelos companheiros e cargos desses indivíduos (os carrascos). O respeito à legitimidade estatal impele, dessa forma, indivíduos cometerem atos que não praticariam normalmente.

A quarta proposição defende a indiferença dos algozes, enquadrados como burocratas ou tecnocratas subalternos e desalmados que possuíam em mente prosperar com seus interesses próprios e objetivos tecnocratas. Eles precisavam (além de fazer parte) contribuir para o progresso da nação e de seu bom funcionamento. Logo, eles atribuíram a outros a responsabilidade de seus atos.

O último argumento aplica-se à idéia de fragmentação de tarefas, ou seja, os carrascos eram incapazes de compreender que seus atos eram parte do programa genocida, a “solução final”. Assim, também eles se excluíram da responsabilidade de seus atos, pois não estava ao alcance de suas mentes a real intenção das atividades diárias. É o que Goldhagen chama de miopia burocrática.

---

<sup>30</sup> Este tom acusatório e intencionalista gerou um embate de teorias sobre a execução em massa dos judeus. Para muitos leitores, a tese do sociólogo Daniel J. Goldhagen esclarece por um caminho diferente, mas premeditado. Isto é, ele não explica aquilo que o público não conhecia, mas aquilo que as pessoas já esperavam. Em certos pontos as elucidações são coerentes e iluminadoras; em outros elas só confirmam aquilo que o público contemporâneo esperava que fosse. É a necessidade de encontrar um culpado, seja ele quem for.

Embora o autor admita que esses argumentos possuam algo de verdade, tais suposições têm características negligentes. Elas colocam que qualquer sujeito pode ser levado a “cometer atos contrários ao seu foro íntimo; minimizam ou ignoram a relevância do ideal nazista e dos valores e concepções que integram o universo dos perpetradores, sobre as vítimas e que geram ânsia de matar; também (os argumentos convencionais) destituem o povo alemão e os carrascos de qualquer vontade própria, moral, reflexão e decisão. Se não bastasse, os conceituam como monstros, não humanos movidos por forças exteriores; a indiferença para com o genocídio ao ser comparado como qualquer outra tarefa que um subordinado é obrigado a realizar; por fim, os judeus também são destituídos de importância, pois os algozes, segundo esses argumentos defeituosos, poderiam agir (matar em massa) da mesma maneira com os outros grupos. Goldhagen considera este aspecto como subestimação da identidade das vítimas.

Outra questão defendida a fundo pelo autor é a da convicção. Para ele não há como negar a convicção dos perpetradores nos atos do holocausto; seria inútil negar que o ser humano aprova matanças, genocídios e outras ações brutais e cruéis. Assim como, os estudiosos não devem focar-se apenas no assassinato em massa para explicar o holocausto. A fixação seria outro erro. Logo, entender o *como* se faz essencial. Várias outras perguntas devem ser feitas para compreender o caminho que os alemães tomaram para chegar ao genocídio. A teoria intencionalista de Goldhagen é tão carregada, que nada mais pode ser considerado central na perspectiva de matar do que o ódio e a vontade.

*Não foram as dificuldades econômicas, os meios coercitivos de um Estado totalitário, a pressão social psicológica, ou as invariáveis propensões psicológicas, mas as idéias sobre judeus difundidas na Alemanha durante décadas que induziram alemães comuns a sistematicamente matar judeus desarmados e indefesos – homens, mulheres e crianças –, aos milhares e sem compaixão.<sup>31</sup>*

Apresentar as estruturas, encorajamentos e sanções como incentivos para o genocídio é errôneo, pois isso destitui totalmente a condição subjetiva dos carrascos. Tais estruturas são apenas um complemento. É preciso levar em consideração os valores e cognições e, assim, mesclá-los com as estruturas de incentivo.

Goldhagen também propõe mais duas condições como a base para o entendimento do Holocausto: eliminar a insensibilidade que nos circunda em relação ao número de

---

<sup>31</sup> GOLDHAGEN, Daniel. **Os carrascos voluntários de Hitler**, p. 17.



mortos e, ao descrever a matança, que ela seja descrita em detalhes para explorar na imaginação do público o horror com que cada assassinato foi cometido. Mas isso se torna inapto em qualquer estudo, visto a extensão do trabalho e a repulsa do público em continuar a leitura.<sup>32</sup>

No caso do estudo do Holocausto, esse apelo aos sentimentos em um trabalho historiográfico ou mesmo sociológico é uma armadilha na tentativa de buscar um significado para aquilo que é tratado como um absurdo. É necessário expandir as demarcações do que se tem como limite de compreensão para chegar a um nível de entendimento mais racional e não da caça a uma explicação lógica fácil e urgente.

## II

É comum ouvir ou ler que Adolf Hitler era um monstro, a encarnação da besta, ou algo do tipo. A centralização em sua pessoa como executor direto do genocídio é uma atribuição feita a todo o momento. Em filmes documentários, em livros nos quais o título é chocante e acusador, a imagem passada de Hitler é a de um homem louco e brutal, que nada mais fazia em seu dia a não ser pensar em matar judeus. Já discutimos sobre o equívoco dessa caracterização do sobre-humano e da insanidade. Mas em uma sociedade posterior aos acontecimentos do Terceiro Reich, pouco se sabe sobre as pessoas e instituições que colaboraram com o Holocausto. Se isso não for levado em consideração, então homens como Adolf Eichmann, Heinrich Himmler e Rudolf Höss (ou Höß, na grafia alemã original) deveriam ter sido perdoados, pois não eram responsáveis por nada daquilo, pois, afinal, eles eram homens comuns agindo sobre intensa coerção do “monstruoso” ditador; apenas Hitler teria sido o culpado. Logo, é preciso ter cuidado ao centralizar a culpa do genocídio e caracterizar Hitler como aberração. Isso faz com que outros responsáveis sejam isentos de seus atos.

Vários foram aqueles que contribuíram para a perseguição e morte dos judeus e outros prisioneiros dos campos de concentração. Além de cidadãos comuns, por meio da delação e da assimilação das medidas anti-semíticas estipuladas pelo regime; as instituições

---

<sup>32</sup> Essas condições propostas caem no polêmico sensacionalismo. Ele tende a uma análise mais próxima ao senso comum da “maldade” de Hitler e “monstruosidade” de seu regime. Portanto, todo o debate historiográfico e sobre o nazismo torna-se em vão. O estudo é transposto a uma jornada cíclica que nada mais fez do que eliminar a discussão consistente e lógica para trazer de volta o senso comum sobre o nazismo.

religiosas também se enquadram no grupo de apoio, não só ao regime, mas às políticas eliminacionistas.

A Alemanha realmente fez parte de uma política que em seu final, aniquilou milhões de judeus. Contudo, fazer deles como essencialmente anti-semitas é o principal erro, assim como generalizar a sociedade alemã como executora, pois todos estariam de acordo com as propostas do regime nazista. Isso torna a discussão determinante, podendo os lados que apresentam alternativas à compreensão do genocídio e do III Reich.

### III

Na Europa, o anti-semitismo é uma consequência evidente do cristianismo. Desde o Império Romano, cristãos realizaram pregações contra os judeus, especialmente por estes terem se recusado a reconhecer Jesus. Então, as duas religiões conviviam com uma herança em comum e que gerava conflituosas interpretações entre ambas as partes: o Velho Testamento. Em uma interna briga dicotômica sobre a “verdade”, os cristãos precisavam denegrir e desdenhar as concepções judaicas sobre o Velho Testamento. O judaísmo precisava ser desacreditado para que a Igreja impusesse sua doutrina sobre o “povo de Israel” e a estrutura sagrada e moral cristã perdurasse. A hostilidade também se sustentava devido à crença que Cristo foi assassinado por judeus. São essas as visões sobre os judeus na Era Moderna.

*Por toda a Idade Média, os judeus europeus negociaram direitos e privilégios com autoridades religiosas e seculares cristãs, buscando proteger a autonomia de sua comunidade, assim como sua religião, cultura e seu estilo de vida distinto. Assim como eram vistos pela sociedade cristã como separados, “o outro”, também os judeus se viam como à parte, como um povo, com uma fé comum, uma tradição nacional e uma compartilhada esperança de futura redenção. Estavam ávidos por ser isolados dos vizinhos cristãos e excluídos desses vizinhos de suas comunidades. Longe de tentarem integrar-se na cultura cristã dominante ou assimilar-se na sociedade cristã, os judeus protegiam suas diferenças com uma rede de leis religiosas e regras comunais.<sup>33</sup>*

Posteriormente, a Igreja considerou aos judeus o direito à vida e à prática de sua religião devido à herança em comum. Entretanto, por terem assassinado e não reconhecerem Jesus Cristo, eles estavam condenados a viver de maneira degradante como

---

<sup>33</sup> DWORK, Deborah; VAN PELT, Robert Jan. **Holocausto**: uma história, p. 26.

castigo por esses atos. A morte dos judeus não era mais cobiçada, devido ao reconhecimento da Igreja de que eles eram passíveis de conversão.

Alguns autores alemães já começavam a transpor o anti-semitismo para noções menos tradicionais, como eram as que concerniam aos hereges. Jakob Friedriech Fries aponta os judeus como anti-sociais, imorais e potenciais perversores da ordem social e política da Alemanha. Segundo Fries, os judeus são uma nação e associação política, e não grupos religiosos.

As noções religiosas foram, a partir do século XIX, perdendo na sociedade alemã enquanto definidora dos judeus. A idéia de que eles eram uma nação ou grupo político era disseminada, especialmente, pela literatura anti-semita. Aos poucos uma nova definição conquistou espaço: os judeus eram uma raça. Eles eram considerados nocivos, o lado obscuro da natureza humana, e isso era intrínseco à raça judaica.

Os debates emancipatórios, assim como a igualdade dos direitos civis aos judeus, estavam à tona ao final do século XVIII e início do XIX. Como o estado regente estava conturbado e, conseqüentemente, ameaçado, os opositores do judaísmo disseminavam idéias que expunham a possível integração judaica como degradação final da identidade social e cultural alemã. Esse direcionamento de idéias negativas/nocivas está fortemente ligado ao nacionalismo. Logo, os sentimentos germânicos de nacionalismo e anti-semitismo se entrelaçaram de forma emaranhada.<sup>34</sup>

Os anti-semitas afirmam que a “judaicidade” e “humanidade” são opostos. A partir daí, percebe-se dois tipos de anti-semitas: os conservadores, que afirmam que os judeus são diferentes, opostos e nocivos aos alemães, e que, dessa forma, eles não têm salvação alguma; os judeus devem ser exterminados, ou (utilizando um eufemismo) eles devem desaparecer. Já os anti-semitas “liberais” acreditam que, se os judeus renunciarem à sua “judaicidade”, eles adquirem a condição de humanos e, portanto, têm possibilidades de regeneração. Mas no final do século, os “liberais” abandonariam esse discurso e se aproximariam dos conservadores.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> Cf. GOLDHAGEN, Daniel. **Os carrascos voluntários de Hitler.**

<sup>35</sup> Cf. GOLDHAGEN, Daniel. **Os carrascos voluntários de Hitler.**

*O modelo cultural alemão subjacente sobre o “judeu” (der Jude) era composto por três noções: o judeu era diferente do alemão, estava em oposição binária em relação ao alemão e não era benignamente diferente, mas malevolamente e corrosivo. Fossem os judeus tomados enquanto uma religião, nação, grupo político ou raça, eram sempre um Fremdkörper, um corpo estranho na Alemanha. A centralidade e o poder dessa concepção eram tão grandes que os anti-semitas passaram a ver todos os fenômenos negativos na sociedade, desde a organização social até os movimentos políticos e os problemas econômicos, como de algum modo ligados aos judeus, quando não derivados deles. Uma identidade entre os judeus e as disfunções sociais começou a ser estabelecida.<sup>36</sup>*

Os alemães comuns nasceram e vivenciaram na cultura anti-semítica que ainda era bastante propagada pela tradicional concepção cristã. Dessa maneira, a construção secular européia sobre o que viria ser um judeu fez parte da cultura alemã também. Acusações novas surgiram, afirmando que os judeus eram responsáveis pelos problemas econômicos e sociais, corrompiam a ordem social e conspiravam contra os objetivos nacionais da Alemanha. Esse sentimento de aversão ao judaísmo era, no século XIX, ainda um critério cultural, sem apresentar-se como solidez política a se firmar. As idéias anti-semíticas eram disseminadas através de artigos, panfletos e debates em grupos. Contudo, ao dizer que os judeus deveriam ser eliminados já que não tinham salvação, os anti-semitas contradiziam o próprio cristianismo. Segundo os ensinamentos cristãos, o batismo (a conversão) é capaz de salvar todas as almas e, assim, possibilitaria a igualdade entre judeus e alemães.

A “solução final” foi uma discussão trazida pelos anti-semitas pré-Hitler. O *Führer* foi mais pragmático ao eliminar os judeus; ele transpôs o discurso, tão debatido, para a prática. Era a ação concreta da mentalidade eliminacionista. A convicção dos anti-semitas alemães era que o extermínio dos judeus (parasitas sociais) era a salvação da Alemanha.<sup>37</sup>

A modernidade e o anti-semitismo apresentam harmônica compatibilidade na Alemanha do século XX, devido à “concepção fundamental da comunidade política constituinte da Alemanha ser o *Volk* e esse conceito também recebera uma base moderna,

---

<sup>36</sup> Ibid., p. 66.

<sup>37</sup> A concepção de Goldhagen sobre o anti-semitismo fica mais clara a medida que ele aponta a “Solução Final” como objetivo principal dos alemães. As suas explicações norteiam um sentido fundamental: para ele, o anti-semitismo alemão do período hitlerista era puramente eliminacionista. Suas idéias apontam as etapas das “soluções” para o “problema judeu” mas tendo sempre em mente um fim: o genocídio. Ele desconsidera as eventualidades e as dificuldades burocráticas como fatores condutores da eliminação. Em suma, Goldhagen afirma: existia nos alemães o real sentimento eliminacionista, mesmo durante a execução das outras “soluções”.

pseudo-científica, no âmbito das terras racistas e do darwinismo social correntes no final do século XIX na cultura européia”.<sup>38</sup>

### 3. O contraponto ao intencionalismo

#### I

Ao mesmo, tempo, diagnosticar as causas que levaram ao holocausto como responsabilidade quase que exclusiva da sociedade alemã é um raciocínio que pode levar a outros equívocos e a outras conseqüências. A partir de análises de outros documentos, fica clara a existência de vertentes distintas da imputabilidade dos fatos aos alemães. Logicamente, a teoria intencionalista é muito mais fácil para se aceitar, já que o público, em sua maioria, deseja respostas mais fáceis e menos ambíguas. Outro problema trazido por essa teoria é a sustentação de uma pré-existência anti-semítica no território alemão. Por esse viés, é como se os alemães apenas detestassem judeus e por isso o matavam. Não foi devido à política econômica, ao totalitarismo nazista nem ao carisma de Hitler. Foi apenas uma escolha influenciada por uma vontade secular, um ódio intenso que justificava qualquer atentado à vida dos judeus.<sup>39</sup> Logo, o holocausto seria um evento inevitável, especialmente após a ascensão do nazismo ao poder na Alemanha.

A partir disso, vários estudiosos contestam veementemente as suposições de Goldhagen, visto que ele traz uma visão mais extremista; um viés que visa à conquista do público. Ele traz o holocausto em uma análise categoricamente étnica e nacional, ou seja, exclusivamente pela relação e (não)atração entre alemães e judeus. Contudo, Goldhagen falha ao se afastar do particularismo narrativo e ao empregar uma definição inadequada sobre intenção. Dessa forma, ele não consegue levar o debate adiante, conforme A. Dirk Moses. A narrativa não se estende além do pilar intencionalista, mais especificamente regido pelo ódio dos alemães em relação aos judeus. É como se esse motivo bastasse para o desenrolar de toda a situação que viria adiante.

---

<sup>38</sup> GOLDHAGEN, Daniel. **Os carrascos voluntários de Hitler**. p. 85.

<sup>39</sup> É preciso ter em mente que os alemães não eliminaram os judeus antes (partindo da idéia dos intencionalistas), pois a matança precisava ser legitimada. Ou seja, eles só estavam esperando por um *establishment* que apoiasse e autorizasse esse matança sistemática. Por isso, segundo os intencionalistas o Estado Nazista foi fundamental e sem ele não existiria holocausto.

*É insuficiente ou até mesmo insatisfatório considerar Goldhagen apenas um estudioso com nenhuma novidade a dizer. Embora seu trabalho não demonstre condução a um estudo minucioso, as questões por ele propostas não podem ser descartadas simplesmente por “protocolos”. Tais questões precisam ser explicitamente tematizadas e os historiadores são os mais qualificados para exercer tal exercício.<sup>40</sup>*

É inegável o efeito fenomenal causado por Goldhagen, mas, não obstante esse reconhecimento, o sociólogo recebeu várias críticas hostis, desde jornais intelectuais até mesmo de acadêmicos. Dirk Moses garante que o fato mais marcante é que, os principais críticos hostis à obra são historiadores de topo do anti-semitismo, do holocausto e da política cultural alemã. Em defesa própria, Goldhagen afirma ter sido completamente mal-entendido. Mas, como os fatos são muitas vezes desprovidos de descrédito, as insuficiências argumentativas se destacam mais do que as proezas. Exemplo disso é a fraca recepção do livro em Israel. Segundo Moshe Zimmermann, esse baixo impacto deve-se à reafirmação de trivialidades sionistas, o único conteúdo discutido por Goldhagen. Portanto, para os especialistas (de qualquer lugar) rejeitarem um trabalho como esse, é porque as discussões malogram em elementos acadêmicos padrões, rigor lógico e intensidade analítica<sup>41</sup>. Konrad Kwiet relembra que, embora Goldhagen afirme que sua teoria seja inédita, nos anos pós Segunda Guerra essas proposições já haviam surgido como forma de tentar explicar o fenômeno nazista e as conseqüências do regime. Mesmo que tais idéias já tivessem sido alimentadas pelo senso comum, academicamente elas não eram tão novas assim.

A teoria de Goldhagen afirma que o genocídio necessita de dois fatores para ocorrer e ambos sempre estiveram presentes na nação germânica. O primeiro é o grande ódio entre a população, onde um grupo de perpetradores pode ser achado; o segundo é a estrutura política que possui recursos para ordenar um programa de perseguição, violência e extermínio. Grandes ódios produzem em sua maioria episódios violentos por conta própria, mas eles não produzem matança sustentada e sistemática, a não ser que o ódio seja mobilizado, organizado (por um estado) e canalizado em uma direção genocida<sup>42</sup>. Embora tenha existido anti-semitismo em vários países da Europa – e anti-semitismo foi o principal motor dos alemães que mataram judeus – apenas na Alemanha existia um estado genocida,

---

<sup>40</sup> MOSES, A. D. **Structure and agency in the holocaust**: Daniel J. Goldhagen and his critics, p. 03.

<sup>41</sup> Cf. Ibid.

<sup>42</sup> Cf. Ibid.

um estado Nazista; e somente na Alemanha esses dois fatores estiveram juntos. É por isso que o Holocausto proveio da Alemanha e não de outro país europeu. Dessa forma, encontram-se algumas brechas que poderiam retirar de Goldhagen o extremismo acusatório, já que, apesar de os alemães terem sido os maiores culpados pela “Solução Final”, esta não teria existido sem o Nacional-Socialismo. Contudo, ainda assim os alemães não podem ser destituídos da culpa. Por este caminho, Hitler não era responsável de nada, apenas fazia jus ao seu título: *der Führer*, o guia. O modelo cognitivo e a cultura são a fonte do preconceito. Este é a “manifestação da busca de significado pelas pessoas”. As características dadas pelos anti-semitas aos judeus são baseadas de fora para dentro da cultura judaica. Mas para dar um sentido mais direto ao ódio, alguns elementos judaicos são capturados e expostos na concepção preconceituosa formada pelos anti-semitas. Dessa maneira, é preciso cuidado ao analisar o anti-semitismo de forma a encontrar atenuantes no judaísmo para justificar o anti-semitismo. A inveja do sucesso econômico dos judeus é uma das falhas, relata Goldhagen.

Para o cientista social, não há dúvidas de que um estado semelhante ao nazista ascendesse ao poder em outros países, particularmente no Leste Europeu, e tivesse decidido sobre um programa de extermínio. Em todas as probabilidades eles teriam encontrado uma quantidade enorme de pessoas com vontade de experimentar, ou auxiliá-los a executar o programa. Mas o fato histórico é que apenas a Alemanha obteve esses dois fatores agindo mutuamente.

## II

Historiadores ainda continuam a escrever e pensar o Holocausto através de várias perspectivas, ou melhor, a partir de três: epistemológica, ética e/ou moral. Moses defende que essas posições dividem o Holocausto em duas narrativas: a particular e a universal. Essas duas são as únicas disponíveis e explicativas possibilidades aos estudiosos.

As narrativas são expressas pelo viés ideológico-intencionalista do período nazista e do holocausto (narrativa particular) e pelo estrutural-funcionalista (narrativa universal). A particular delega a intenção da ação humana para explicar acontecimentos de responsabilidade individual e coletiva dos crimes nazistas. As discussões a esse respeito abarcam a questão do “mal” que muitos historiadores conduzem a seus escritos. A moral

norteia esses estudos que levam em grande consideração o sentimento, a empatia e a dignidade humana. Para tanto, grandes catástrofes precisam ter um responsável, seja ele quem for. Pode ser um indivíduo, uma nação ou até mesmo Deus, para que o mundo tenha um sentido... moral.

*No entanto, processos como a 'dialética do esclarecimento' ou um fenômeno como a 'modernidade' não podem ser considerados autores ou agentes de algo. Eles não podem ser culpados. Por essa razão, ideológico-intencionalistas combinam objeções escolares com indignação moral, quando um enfático senso de autoridade do Holocausto é questionado por estrutural-funcionalistas.<sup>43</sup>*

A teoria ideológico-intencionalista foca absolutamente na ambição de Hitler em eliminar os judeus alemães. O anti-semitismo era a essência do regime nazista que oportunamente declarou guerra aos judeus. Essa teoria coincide nitidamente com a ação daqueles que foram responsáveis pelo assassinato dos judeus.

Por outro lado, a teoria estrutural-funcionalista ganhou ênfase a partir de 1960, quando o consenso da inquestionável saúde e “normalidade” das sociedades ocidentais foi atacado pelas do Oriente que já estavam cansadas das teorias sobre o totalitarismo. Essa aproximação exerceu tamanha influência sobre a Alemanha que recebia insurgentes ataques ideológico-intencionais de todos os lados. Já os alemães, na tentativa de se eximir das responsabilidades do holocausto, focavam em Hitler e em sua ideologia. Assim, os alemães não eram mais cúmplices.

As explicações dos estrutural-funcionalistas se fundamentam na idéia de que, como a Alemanha já era uma nação moderna e industrializada, a ideologia, embora seja um elemento importante, contudo insuficiente, teve menos importância na arquitetura do Holocausto do que a burocracia. Esta tem o papel principal no que determinou o destino dos judeus na Alemanha Nazista.

*O significado da ideologia é a sua função manipuladora predominante, em vez de qualquer conteúdo putativo. Hitler certamente não tinha intenção, durante os anos 1930, de assassinar sistematicamente os judeus europeus: as crescentes medidas anti-semíticas severas durante este período foram menos uma implementação de um projeto ou calendário genocida, do que espontaneamente formuladas para satisfazer os linha-duras do próprio partido. A decisão de um genocídio sistemático foi 'forçada' sobre o regime nazista como um caminho para sair das auto-infligidas crises logísticas decorrentes da rescisão do contrato do programa de re-assentamento em massa da população no leste, que foi, por sua vez, causado*

---

<sup>43</sup> MOSES, A. D. **Structure and agency in the holocaust**: Daniel J. Goldhagen and his critics, p. 7.



*pelo fracasso da campanha militar contra a União Soviética. O Holocausto foi, portanto, mais que uma execução intencionada anteriormente, foi uma solução particular para um problema administrativo extraordinário.*<sup>44</sup>

A segunda questão complicada por esses estudiosos diz respeito quanto à vontade do real perpetrador. Eles afirmam que um autor responsável pela intenção não precisa matar judeus. “Em um processo de acumulada radicalização, agentes burocráticos rivais disputavam por poder e prestígio ao propor mais soluções extremas para a ‘Questão judaica’”.<sup>45</sup> Dessa forma, não era preciso ninguém para dar seguimento ao Holocausto; apenas a burocracia e suas relações conduziram sozinhas a este episódio. A pessoa do *Führer* foi totalmente diminuída; ele foi destituído de qualquer importância. A ideologia foi um ingrediente proporcionado por Hitler, mas o andamento do processo que desencadeou no genocídio judaico foi gerado pelos burocratas, os quais estavam em busca de satisfazer seu chefe para obter privilégios profissionais.

Dessa forma, a caracterização do nazismo como algo demoníaco ou monstruoso é, na análise estrutural-funcionalista, uma simples e ordinária bravata. As argumentações que respaldam essa avaliação consistem em apenas um único ponto: a negação do Holocausto como consequência de fatores morais e intencionais. Assim, considerando os burocratas como efetivos responsáveis pelo genocídio, uma nova idéia de carrasco é edificada: carrascos-de-mesa. Ou seja, é um arquiteto do Holocausto, dos procedimentos de matança, sem ele ser uma pessoa monstruosa. Hannah Arendt apresenta análise semelhante em seu livro que relata o julgamento de Adolf Eichmann, no tribunal em Jerusalém. A autora considera o oficial nazista como um homem banal, movido por uma maldade banal, ou seja, uma pessoa que faz coisas sem necessariamente acreditar naquilo que está fazendo. Ele não mata por ser um idealista fanático muito menos por gostar de matar e ver a morte dos outros (não é por ele ser sádico), mas por, simplesmente, desejar uma carreira com privilégios. “Mas vangloriar-se é um vício comum, e uma falha mais específica, e também decisiva, no caráter de Eichmann era sua quase total incapacidade de olhar qualquer coisa do ponto de vista do outro.”<sup>46</sup> A banalidade do mal aponta Eichmann como um ser medíocre e amoral. Seus atos foram guiados pela incapacidade de pensar além de sua experiência.

---

<sup>44</sup> Ibid., p. 9-10.

<sup>45</sup> Ibid., p. 10.

<sup>46</sup> ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**, p. 60.

## III

Em um estudo realizado por Browning, essa concepção do homem banal é extremamente relevante, e estabelece conflitos com a tese de Goldhagen. A matança e as ações realizadas pelos nazistas contra os judeus e algumas minorias étnicas foram muito mais determinadas por uma seqüência de circunstâncias triviais nas quais os oficiais e a polícia nazista se encontravam do que por uma existência anterior de elementos anti-semitas. Segundo Browning, “os membros do batalhão [de oficiais da polícia em Hamburgo] eram homens ordinários que, através de uma combinação de pressão, conformidade, e desumanização do inimigo, foram induzidos a cometer o impensável.”<sup>47</sup> Mesmo assim, Browning não queria eximir tais oficiais da culpa pelo assassinato. Mesmo sobre condições tão sombrias, nem todas as pessoas agiriam dessa forma, ou seja, nem todos os homens se renderiam ao barbarismo em meio a tais circunstâncias. Browning frisa: “esta é a história de homens ordinários e não de todos os homens.”<sup>48</sup> É interessante lembrar, que ele consultou as mesmas fontes de Goldhagen e as teses são completamente opostas.

Para alguns historiadores, a negligência da narrativa particular, a qual acusa a nação alemã toda de ter matado os judeus, abandona as posições ocupadas pelas fontes das opressões e o genocídio na sociedade moderna. Podemos considerar então que, embora o acontecimento do holocausto não seja um problema específico alemão, há algo de exclusivo dos alemães que constituíram a “solução final”. Essa particularidade não é exatamente a forma especial do anti-semitismo germânico, mas sim uma política cultural retrógrada de subordinação burocrática a qual “permite extremistas a agarrar o poder os quais os objetivos foram implantados atacando eficientemente até mesmo pessoas que não mantinham uma visão anti-semita extrema”.<sup>49</sup>

A teoria estrutural-funcionalista aponta que as primeiras vítimas da política racial nazista não foram os judeus. Através de ações como o Programa Eutanásia, que matava pessoas com deformidades e doenças mais críticas, e a purificação eugênica da população alemã em geral. Para Götz Aly, o objetivo germânico durante a guerra não era movido por um fator ideológico, mas guiado pelo econômico para beneficiar os alemães. Esse ato

---

<sup>47</sup> MOSES, **Structure and agency in the holocaust**: Daniel J. Goldhagen and his critics, p. 12.

<sup>48</sup> Ibid., p. 12.

<sup>49</sup> Ibid., p. 13.

contava com a exterminação em massa de alguns povos, dentre eles os eslavos. Cerca de dezenas de milhões deles morreriam de fome com uma investida nazista.

Segundo Goldhagen, o Holocausto não teria ocorrido se os nazistas não tivessem ascendido ao poder. Contudo, também não teria acontecido se a grande parte dos alemães não tivesse sido indiferente quanto ao anti-semitismo e, também, sem uma participação ativa de tais alemães. Ele tem problemas com a análise estrutural-funcionalista devido às dificuldades impostas pela versão particularista do holocausto, a qual Goldhagen está comprometido.

*Primeiro, ele tenta demonstrar a existência de um agente que se pode dizer ser o autor da solução final. Tal como os estrutural-funcionalistas retribuíram enfáticos e implausíveis sentidos de autoridade entre as elites governamentais, ele o encontra inserido "nos alemães" uma construção antropológico-cultural que ele invoca em todo o seu livro. Este agente é encarnado em indivíduos alemães, cuja função ele também precisa salientar.<sup>50</sup>*

A partir dessa volta ao particularismo e generalização dos indivíduos através da imposição de uma consciência coletiva, Goldhagen chega ao caminho desejado que nada mais é do que culpar os alemães pelo Holocausto. Este método utilizado é procedente das ciências sociais, mas, de alguma maneira, não é familiar aos historiadores. Ele gera hipóteses sobre um fato em particular para testá-lo empiricamente. A análise conduz os leitores a pensar que os alemães são uma cultura estrangeira totalmente separada do restante do mundo, diferenciando-os da nossa civilização “normal”. Os alemães também não podem ser estudados a partir de um viés social-psicológico, já que na verdade a matança desvairada de judeus dependia simplesmente da preferência alemã. Era apenas uma vontade de matar em qualquer situação possível. O desejo sádico pode ser explicado, segundo Goldhagen, por uma particularidade na ideologia anti-semita dos alemães. Essa especificidade era basicamente *eliminacionista*. Em todo o livro de Goldhagen, percebe-se que ele aponta um elemento oculto na cultura alemã que permeava o subconsciente, que é a “Questão Judaica”. O sentimento eliminacionista é, para o autor, o ponto que faz do Holocausto um acontecimento único, ou seja, não é o ato de matar, mas o desejo de matar

---

<sup>50</sup> “First, he attempts to demonstrate the existence of an agent that can be said to be the author of the Final Solution. As the structural-functionalists have rendered implausible an emphatic sense of authorship among governmental elites, he finds it in “the Germans” an anthropological-cultural construction that he invokes throughout his book. This agent is incarnated in individual Germans, whose agency he also needs to stress.”, p. 17. *Tradução nossa*.

que legitima essa unicidade. E os alemães assentiam com a matança de judeus, já que essa eliminação era um projeto nacional alemão que, desde o século XIX, os alemães estavam árdus por matar ou, ao menos, se constituíam como assassinos em potencial.<sup>51</sup> A discordância de outro sociólogo, Zygmunt Bauman, é notável. Conforme suas explicações, determinadas características do holocausto apresentam o instinto moral encontrado nas atitudes humanas como sendo algo produzido socialmente. Contudo, a partir do momento em que a sociedade tem seu funcionamento prejudicado, esse instinto dissipa-se. O comportamento violento e "desumano" em relação às outras pessoas é impensado, visto que a sociedade já se encontra anômala. "A 'boa' face parecia normal apenas porque as condições normais a favoreciam mais que a outra. Mas a outra estava sempre presente, embora normalmente invisível".<sup>52</sup>

#### IV

Goldhagen confirma que sem os nazistas, os alemães não teriam sonhado em eliminar os judeus. Mas, a naturalidade em se tornarem carrascos voluntários de Hitler certifica a semelhança da estrutura da preferência anti-semítica dos alemães com a do nacional-socialismo. Apesar de Browning validar aspectos de pré-existência anti-semítica no batalhão estudado por ele, isso não prova uma similaridade qualitativa com o anti-semitismo nazista. Essas circunstâncias extremas vivenciadas pelos alemães comuns não liberam uma preferência anti-semítica (no caso, eliminacionista) já existente, mas sim é um fator que desencadeia novas preferências. O anti-semitismo dos nazistas em relação ao restante da população alemã era qualitativamente diferente, tanto o era que o anti-semitismo pregado por eles não era a razão da popularidade do partido; eles tinham tal preocupação, mas obviamente não era uma característica tão evidente ao público para não demonstrar fraquezas. Sendo assim, esconder os detalhes dos campos de concentração não é uma surpresa se colocarmos em mente esses fatos.

A pergunta que seria central não é respondida por Goldhagen: "por que o anti-semitismo era tão forte na ideologia cultural da Alemanha?". A resposta vem apenas em uma entrevista e, mesmo assim, não é tão convincente nos parâmetros teóricos acadêmicos.

---

<sup>51</sup> Cf. MOSES, A. D. **Structure and agency in the holocaust**: Daniel J. Goldhagen and his critics.

<sup>52</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**, p. 25.

Para ele, anti-semitismo é um fenômeno complexo; tem diferentes componentes. Também, as variações de anti-semitismo existentes em qualquer sociedade não são exatamente as mesmas. Há diferentes pessoas que acreditam em diferentes coisas sobre os judeus e uma das coisas a se fazer ao discutir e analisar o anti-semitismo é focar no conteúdo nos quais as pessoas acreditam. O que exatamente as pessoas que odeiam judeus acreditam sobre eles? Goldhagen retoma: “eles simplesmente acreditam que eles são um clã e mesquinhos, ou pensam que eles são um mal cósmico, responsável por diversas doenças do mundo e propensos a prejudicar pessoas? Se focarmos no conteúdo do principal fio do anti-semitismo alemão, vê-se que foi racial em sua fundação; isto é, a fonte dos judeus alegados como perniciosos considerados derivados de sua raça. Este anti-semitismo alemão é diferenciado da maioria do anti-semitismo no Leste Europeu, o qual era fundamentado na religião e baseado na alegação de que a perniciosidade deles estava na religião.”<sup>53</sup> Ele foca sua tese no intenso poder do anti-semitismo como determinante da vontade de eliminar judeus, o que invalida alguns argumentos.

A escolha das vítimas é outro argumento sustentado pelo determinismo de Goldhagen. O anti-semitismo na Alemanha era extremamente virulento. Ele sustentava que os judeus eram racialmente diferentes dos alemães; que as suas diferenças eram consideradas como se resididas biologicamente (e, portanto, a natureza dos judeus não poderia ser mudada); e que os judeus eram maus, extremamente poderosos e responsáveis pela maioria dos danos que atingiram a Alemanha. Este anti-semitismo levou muitas pessoas a concluir que os judeus tinham de ser eliminados de alguma forma da sociedade alemã. Essa visão já vinha sendo desenvolvida na Alemanha, e foi firmemente defendida no século XIX; foi daí que a aversão surgiu. Esse ódio foi um legado do anti-semitismo cristão medieval, o qual era um fenômeno pan-europeu. Ele se modernizou na Alemanha no século XIX quando a nação entrou para a era moderna.

O partido nazista e Hitler chegaram ao poder devido a uma variedade de circunstâncias, nenhuma delas inevitável: a derrota na I Guerra Mundial; os problemas da República de Weimar; a forte depressão que atingiu a Alemanha; a instável situação política; o desejo dos alemães de reivindicar o que eles consideravam ser deles por direito o

---

<sup>53</sup> Trecho da entrevista à revista do Centro de Pesquisas SHOAH.

território na Europa; e a enorme aversão aos judeus existente na Alemanha. Com todos esses fatores, o partido nazista sustentou uma tremenda atração sobre a população.

Hitler foi finalmente eleito chanceler, em 1933, como resultado dessas crises. O anti-semitismo sempre esteve lá, mas a ascensão nazista ao poder era esperada pelo contingente da existência de várias imprevisíveis circunstâncias históricas. Não havendo a depressão, Hitler, em meio a todas as possibilidades, não chegaria ao poder, e não haveria o holocausto. Mas, novamente, estes fatores possibilitaram-no de chegar ao poder e, uma vez feito, ele tirou do anti-semitismo o que mais prevalecia entre os muitos alemães, que permitiram Hitler a realizar seu programa: primeiramente, perseguição violenta, depois, extermínio.

## CAPÍTULO III

### Primo Levi e a Modernidade: uma compreensão sobre brutalidade

#### 1. O sentimento de culpa

##### I

A oportunidade de conhecer como se deu a vida nos campos de concentração se deu com a escrita dos sobreviventes. Aqueles que presenciaram o dia-a-dia das torturas, das ameaças, humilhações e da morte nos chamados *Lager*<sup>54</sup> e sobreviveram a essa experiência são os principais narradores dos fatos que servem como elemento fundamental para os historiadores tentarem compreender o que se passava nesses locais. Muitas vezes, entende-se essa escrita (a literatura de testemunho) como o único relato, pois os oficiais nazistas que trabalhavam nos campos preferem não falar sobre o assunto de maneira mais aberta, o que os faz mentir, conforme apontado por Hannah Arendt, em seus discursos.

Primo Levi foi um dos sobreviventes do Holocausto e foi levado a Auschwitz nos últimos anos do regime nazista como um prisioneiro. Ele era um químico italiano e judeu, que foi jogado em um trem direto para o que alguns chamam de fábrica da morte. Levi escreveu vários livros relatando sua vivência e algumas discussões em torno dos fatos que presenciou. Em seus relatos, percebe-se um sentimento que grande parte daqueles prisioneiros que saíram vivos dos campos possui: a culpa.

O sentimento de culpa se dá por vários motivos, mas o principal deles é a culpa pela sobrevivência. Na medida em que um ex-prisioneiro olha para trás e vê que um outro morreu, o sobrevivente sente o remorso de estar vivendo uma vida que não é sua, ou que não merecia. O cativo sabia que se ele fugisse ou não realizasse algo, outro estaria em seu lugar. Para sobreviver, outro teria de morrer; para conseguir um pedaço a mais de pão, outro teria um pedaço a menos. A partir dessas idéias, Primo Levi, assim como outros sobreviventes não se sentem no direito de continuar vivendo. Tzvetan Todorov trata este sentimento como a *vergonha por sobreviver*.

*(...) o sobrevivente não tem do que se orgulhar. É claro que essa acusação é*

---

<sup>54</sup> Nome alemão pelo qual os campos de concentração e extermínio eram chamados.

*imerecida; nem por isso é amplamente partilhada. Eu não era melhor do que os outros; por que viveria enquanto eles estão mortos? “Temos a impressão de que outros morreram em nosso lugar, de sermos vivos gratuitos, por um privilégio que não merecemos, por uma injustiça que fizemos aos mortos. Estar vivo não é um pecado, mas nós o sentimos como tal”.*<sup>55</sup>

## II

A culpa se estende em outros dois âmbitos, segundo Todorov. Um deles é a lembrança. Ao passo que o sobrevivente se lembra da maneira como viveu e das ações que deixou de fazer para ajudar o outro, ele se sente menos digno. Esse é um caráter dos campos de concentração. O inocente sente-se culpado, e o culpado sente-se inocente. A vivência dos campos traz apenas lembranças em que o prisioneiro sente-se mais amoral do que os próprios carrascos. Essa falta de moralidade é uma atribuição injusta às vítimas do Holocausto devido a uma condição fatalmente sofrida por eles: a impotência. Na medida em que se está impotente a uma situação, quando o ser humano não se vê em condições de fazer nada contra aquilo que o ameaça ou o enfrenta, que destitui seus valores e princípios, a moralidade ainda existe, mas ela não consegue ser acionada devido à impotência.

Para Bernard Williams, a recusa a moral se dá a partir de situações bem determinadas. Ao aplicar seu conceito de moralidade sobre um prisioneiro dos *Lager*, a moral é algo que ainda está presente em tais indivíduos<sup>56</sup>, visto a capacidade de ele ainda saber e poder julgar o comportamento de outro sujeito. Se alguém se ofende ou avalia uma ação de outro indivíduo, então a moral ainda se faz presente. Sobre o homem amoral:

*Ele é indiferente a considerações morais, mas tem preocupações, objetivos e preferências. É de presumir que sejam prazer e poder; ou poderiam ser coisas mais excêntricas, como uma paixão por colecionar objetos. Ora, esses fins em si mesmos não excluem o reconhecimento da moralidade; o que então é preciso excluir para representá-lo como alguém que recusa a moral? Talvez coisas tais como a preocupação com os interesses das outras pessoas, a inclinação para dizer a verdade ou honrar promessas mesmo quando isso não lhe convém, estar disposto a rejeitar determinados modos de agir por serem injustos ou desonrosos ou egoístas. Esses são alguns elementos concretos da moralidade.*<sup>57</sup>

<sup>55</sup> TODOROV, Tzvetan. **Em face do extremo**, p. 290.

<sup>56</sup> O termo “indivíduo” é o mais acertado nessa classificação do prisioneiro dos campos de concentração devido ao seu caráter de estar em uma sociedade ou comunidade, mas essa não se constitui como um bando de pessoas que fazem coisas uns pelos outros. Nos campos, os cativos conversam, trabalham e compartilham sentimentos e segredos uns com os outros. Mas a sobrevivência lá depende da capacidade individual; da necessidade imposta de sobreviver à custa da morte do outro; de renegar um gole de água, um pedaço de pão ou um espaço da cama a outro prisioneiro do campo.

<sup>57</sup> WILLIAMS, Bernard. **Moral**: uma introdução à ética, p. 3-4.



A última forma da vergonha que aparece nos sobreviventes é a de ser humano. Depois de ter passado e sofrido violências e humilhações jamais imagináveis, aquele que passa por Auschwitz e olha pra trás sente repulsa pelos atos que o ser humano é capaz de fazer. Atos que transformam as relações humanas em potenciais atitudes monstruosas que podem chegar a matar e destruir alguém ou tudo aquilo que ele construiu enquanto pessoa. Pensar que pessoas construíram campos de concentração para submeter outros da mesma espécie a trabalhos sub-humanos e agressões brutais, tanto oral quanto física. Campos com finalidade apenas de exterminar.

*Pertencemos a uma espécie cujos representantes realizaram atos atrozes e sabemos que não podemos nos proteger contra as implicações desse fato declarando que essas pessoas são loucas ou monstruosas; não, somos feitos do mesmo barro. Levi vivencia isso desde sua libertação: quando retorna à Itália, conta ele, sentia-se 'culpado de ser homem, pois os homens tinham construído Auschwitz.<sup>58</sup>*

### III

Outro problema que se percebe nos sobreviventes é a fraqueza da libertação. Isto é, ao passo em que os prisioneiros se livram dos campos, eles retomam sua vida, mas com outros propósitos, outras visões do que seria aquela liberdade ou o mundo que esperava por eles lá fora. Esse mundo deveria ser algo pelo qual realmente valeu lutar pela vida e contra todos os obstáculos que os tentavam impedir.

Logicamente, há diferença entres esses dois mundos: o dos campos é um; o da liberdade é outro. Contudo, a experiência dos campos é tão forte, tão esmagadora que a lembrança e a autculpa se tornam inevitáveis. A vida fica fastidiosa depois da liberdade, pois as ilusões se tornam pequenas ou desaparecem. O objetivo para perseverar não mais existe e tudo fica sem sentido; pelo menos para a maioria daqueles sobreviventes ou dos que cometeram suicídio.

Assim, a pessoa que foi jogada no *Lager* ainda ficou presa lá; ou morreu por lá. Aquela que voltou dos campos não é mais a mesma, pois perdeu tudo que havia construído antes dessa fatídica experiência. Um ex-prisioneiro lembrar-se que foi forçado a sentir a culpa pela morte de outras vítimas faz com que ele não suporte mais viver como está; é como se esta vida que possui hoje seja ingrata e imerecida. Além do mais, a sua vida já

---

<sup>58</sup> TODOROV, Tzvetan. **Em face do extremo**, p. 291.

havia morrido nos campos; logo, não há porque continuar. Esse pensamento dos sobreviventes é comum e a carga de tristeza e responsabilidade se constitui forte demais para um ser humano agüentar. Alguns caminhos são encontrados, porém podem complicar ainda mais os sentimentos do sobrevivente. Buscar compreender os alemães como pessoas comuns seria um eventual remédio. Mas pensar que eles contribuíram no silêncio, na convivência e na indiferença faz desabar a desilusão novamente. Pois o sobrevivente se reconhece como um cúmplice acatado em seu canto para que a vida que seja tomada não seja a sua.

*A conclusão que falta nesse silogismo não seria: Se os outros são como eu e eles são culpados, eu o serei também? Uma culpa suplementar não se abaterá sobre os ombros de Levi? Conclusão absurda, é verdade, dedução insustentável; mas nosso inconsciente não favorecerá precisamente esse tipo de erro? Levi compara essa experiência particular com a de um cão habituado 'a reagir de uma certa maneira diante de um círculo e de uma outra diante de um quadrado, quando o quadrado se arredondava e começava a se assemelhar a um círculo': o cão tende a ficar neurótico. De tanto compreender, Levi termina por tornar seu o desejo dos outros de destruí-lo. De tanto ver faces humanas de seus assassinos, ele não tem mais recursos para lutar contra o veredicto de morte que haviam feito pesar sobre ele.<sup>59</sup>*

## 2. Os afogados e os sobreviventes

### I

Logo no início da obra, Primo Levi argumenta – a partir de fragmentos do discurso dos SS – que o caráter absurdo dos campos de concentração daria ao mundo a incerteza, a desconfiança do que realmente aconteceu. Primeiramente, pois se perguntado aos próprios guardas SS eles negariam o fato e, em segundo, se as vítimas dos campos falassem sobre o ocorrido, poderia ser interpretado como um discurso forjado pelos adversários da Alemanha na II Guerra Mundial. Logo, não haveria como saber a verdade. A consciência do absurdo era uma idéia que permeava a mente das vítimas e dos opressores, termos esses que até Primo Levi revela como uma zona cinzenta. A dificuldade de entender o Holocausto aumenta na medida em que os documentos foram queimados e o que sobrou foram apenas dois tipos de testemunhas: os comandantes SS e os judeus sobreviventes. Segundo Levi, quem viveu a total experiência dos campos de concentração foram aqueles que morreram

---

<sup>59</sup> Ibid, p. 294-5

neles, contudo eles não podem escrever a história dos campos. Já os perpetradores não se colocam como responsáveis e, por isso, não há credibilidade em seus relatos.

Ao recusarem a realidade, os carrascos recusam seu papel como sujeitos históricos do pós-guerra, em nada podendo contribuir para o aprofundamento da percepção histórica do nazismo e dos campos. Ao se dizer inocente de todas as acusações que sofreram, eles poderiam ser também acusados de mentirosos pela natureza de suas declarações. No entanto, no caso de muitos oficiais nazistas julgados que se diziam inocentes, a mentira é relativa, pois se mentiam não faziam de má-fé. Sobre essa questão, Primo Levi afirma o seguinte:

*Nessas condições, existe decerto quem minta de modo consciente, falsificando friamente a própria realidade, mas são inúmeros aqueles que levantam âncoras, afastam-se, momentaneamente ou para sempre, das recordações genuínas e fabricam uma realidade conveniente. Para eles, o passado pesa; experimentam repugnância pelas coisas feitas ou sofridas e tendem a substituí-las por outras.*<sup>60</sup>

Nesse sentido, os oficiais se diziam inocentes ou diziam estar apenas cumprindo ordens superiores de prisão. Parece simplesmente uma necessidade<sup>61</sup> —, não mentiam apenas para ludibriar o interlocutor, mas mentiam acima de tudo para si mesmos, com o intuito de fugir da realidade passada e extraviar o peso de seus atos de suas consciências.

Já aquelas vítimas que realmente vivenciaram os campos de concentração morreram, pois a morte fazia parte dos campos; era um artifício deles e que só poderia ser experimentada ao entrar na câmara de gás, e depois ter o corpo queimado. Mas a história dos campos não pode ser feita por eles, apenas por aqueles que não foram tragados para o fundo, que não viraram a última página. São as testemunhas privilegiadas pelo acaso que escaparam da morte.

Em meio aos campos de concentração, os prisioneiros eram todos iguais enquanto vítimas. A diferenciação se dá apenas entre aqueles que afogam e aqueles que sobrevivem. Eles estão lá na mesma condição, a qual se remete à falta de pluralidade humana, ou melhor, a multiplicidade do ser humana é reduzida a algo único. Os prisioneiros apenas comem, dormem, trabalham e fazem suas necessidades, todas elas submetidas ao controle

<sup>60</sup> LEVI, Primo. **Os Afogados e os Sobreviventes**;, p. 11.

<sup>61</sup> Extraído de CYTRYNOWICZ, Roney. **Memória da Barbárie**: a história do genocídio dos judeus na segunda guerra mundial. São Paulo: Nova Stella: EDUSP, 1990, p. 110.

dos oficiais. O sujeito antes plural, agora se reduz a uma mesma identidade de reações.<sup>62</sup> Por isso o *Lager* é considerado um laboratório, no qual as pessoas são cobaias de um Estado que está se experimentando enquanto possibilidade de sucesso. No caso de Hannah Arendt, esta é a intenção do Estado Totalitário; reduzir este ser humano para ser comparado a outros animais. Ele deve apenas repetir as reações baseadas em seu instinto. É a morte da espontaneidade, pela qual o fascismo faz uso da uniformização, extirpando elementos característicos de raça.

A narrativa de Primo Levi é diferenciada e virtuosa por trazer em suas primeiras páginas o dilema da memória. A partir daí o leitor se depara com um problema bem subjetivo: ler colocando os fatos sempre em dúvida. Não que ele precise se envolver em um ceticismo paranóico, entretanto, deve elucidar cada colocação com coerência entre elas mesmas. A compreensão imediata é de que o autor não faz um relato do verdadeiro, e sim uma narrativa representativa e interpretativa da sua experiência, limitada à memória, que inevitavelmente passou pelo extenso corredor do tempo. Logo, o autor põe a sua obra em xeque, propositalmente induzido, que inova com o rompimento das barreiras do conhecimento fechado... Humana e historicamente fechado.

Então, como compreender a crônica dos privilegiados pelo acaso? O próprio Levi constata que com o passar do tempo alguns fatos são esquecidos, outros deformados, especialmente no momento de uma recordação traumática. Dessa forma, a providência que melhor se encaixa é "como se ler". Assim, a visualização de idéias e ações infla a mente de possibilidades. Mesmo a testemunha mais honesta consigo e com os outros é vítima de preceitos errados, não voluntariamente, já que a memória sofre mudanças à medida que se estabelece em contato com o meio. Quem presenciou os horrores dos *Lager* foi influenciado por traumas, repressões e estados anormais da consciência<sup>63</sup> que afetam diretamente a memória. Esta, muitas das vezes, escolhe apagar ou jogar no fundo escuro da mente lembranças nada agradáveis de recordar. É uma maneira de se defender, assim como o é escrever sobre o assunto. São nessas hipóteses que se precisa pensar ao ler, para depois eliminar a radicalização do ceticismo e deixar-se simplesmente acreditar. Afinal, o exame e

---

<sup>62</sup> Cf. ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**.

<sup>63</sup> Cf. LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**, p.19.

a comparação dos pensamentos já foram, *a priori*, realizados. A autodefesa atua tanto na vítima (para a qual recordar é sofrer) quanto no opressor (para o qual recordar é remoer-se em culpa; não que haja exatamente remorso, mas sim vergonha dos atos).

## II

O espaço de tempo entre o fim da 2ª Guerra Mundial e a contemporaneidade (tanto da época dos escritos quanto dos leitores) gera dois pontos antagônicos: enquanto um afirma ser melhor a decantação dos fatos devido ao abrandamento das emoções traumáticas, à reunião de mais dados e à argumentação das problemáticas, o outro assegura a existência dos perigos da memória como uma argumentação em potencial malograda. Mas os lapsos de memória deixam lacunas, dúvidas, indefinições do ocorrido, visto que os fatos não se compõem em harmonia.

Mas a lembrança também leva ao desconforto. O desejo dos sobreviventes de compreender leva ao caminho escorregadio já discutido antes. Os sentimentos, mesmo que passado algum tempo, ainda estão vivos devido à intensidade da experiência dos campos. Uma analogia pode ser feita com a discussão proposta por Walter Benjamin em seu texto *Experiência e Pobreza*, no qual ele comenta sobre os soldados que saíram da Primeira Guerra Mundial arrasados pela veemência das batalhas e do dia-a-dia da guerra.

Muitos jovens nem sequer tiveram a possibilidade de ajeitar as suas condições sociais e materiais, pois a maioria deles mal saiu da escola (ou mesmo nem tiveram a chance de terminá-la) e já estavam vivendo a maior experiência de toda a sua vida nesse conflito. Porém, eles voltaram “mudos” da guerra, pois a única coisa que viram foi morte e destruição, além de terem matado pessoas, as quais viviam na mesma situação e sem saberem por quem ou por qual causa foram colocados ali para guerrear. Isso mostra a fragilidade do ser humano com a chegada da guerra, pois ele está perdido, e mesmo consciente disso, não consegue fazer absolutamente nada, apenas é absorvido por esse “sistema”.

A partir daí, a experiência é abolida, pois a guerra mudou completamente a vida dos seus sobreviventes quando esta terminou, assim é necessário partir do nada para se começar de novo, iniciar a vida, o pensamento, a arte e muitos outros, a partir de uma tabula rasa. Sempre foram colocados às pessoas traçados lineares de uma perspectiva de existência, na

qual se nasce, brinca quando criança, namora na adolescência, vai para a faculdade, consegue um emprego e casa-se, esperando aproveitar os frutos na sua velhice. Agora, tudo mudou, não há mais essa linha biográfica de um indivíduo devido a essa ruptura da tradição.

Na obra do escritor alemão, Erich Maria Remarque, na qual ele retrata a história de um jovem soldado que vai a guerra (1ª Guerra Mundial) e este não consegue enxergar o que ele faz ali em meio a tanta destruição, onde o cheiro de morte, o barulho da artilharia e uma paisagem apocalíptica são os únicos sentidos apreendidos pelo seu corpo. Ele não sabe como lutar contra aquilo em que ele foi simplesmente jogado, para matar homens que ele nem mesmo conhecia e que se encontravam na mesma situação em que ele estava. Ele se sente impotente entre tanta crueldade e ao mesmo tempo, quando tira um tempo para descansar do front, vai à sua cidade onde todos os moradores o estigmatizam como herói, fazendo perguntas que nem ele quer entender e nem recordar sobre os campos de batalha. Esses campos que fazem de seus amigos vítimas do acaso, assim como ele, pois a vida e a morte ali só dependem do acaso. O pequeno soldado é apenas um retrato dos vários que não tinham nada a falar do que viram e presenciaram dos campos de batalha, pois toda aquela experiência (já explicada no começo) lhe foi subtraída, levando-o a entender que a vida não era apenas aquela linha tradicional que sempre foi aclamada pelos povos do século passado. Assim vemos que o indivíduo está doente, ele sabe disso, mas não consegue fazer nada para modificar. Então a cura dessa doença vem com a criação do novo, eliminando essa experiência que lhe foi tirada, pois o perigo estava nela, tanto o é, que ela o deixou em sua condição enferma de apatia e impotência, porém consciente disso. Benjamin resume muito bem o que essa obra de Remarque, juntamente com outros autores e pensadores de mesma linha resolveram expressar.

*Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual”. A crise econômica está diante da porta, atrás dela está uma sombra, a próxima guerra. A tenacidade é hoje privilégio de um pequeno grupo dos poderosos, que sabe Deus não são mais humanos que os outros; na maioria bárbaros, mas não no bom sentido. Porém os outros precisam instalar-se, de novo e com poucos meios. São solidários dos*

*homens que fizeram do novo uma coisa essencialmente sua, com lucidez e capacidade de renúncia.*<sup>64</sup>

### III

Na tentativa de entender, não os alemães enquanto civis, mas aqueles que possuíam um cargo nos campos como oficial, Primo Levi formula um conceito base, conhecido como *Zona Cinzenta*. As feições do opressor e da vítima são misturadas pela zona cinzenta, portanto, exonera o prisioneiro de ser apenas o sofredor. Muitos também agiam como “carrascos” nos *Lager* em relação aos seus companheiros em proveito da sobrevivência. Ela obrigava o cativo a ser coletivo, mas individualista também. O cinza pode ser aplicado a esse caráter. Que é ser cinza afinal? É o ambíguo; a interseção dos conjuntos A e B; não ser vítima em um momento nem opressor em outro, mas sim ser os dois a todo ensejo; bem e mal simultâneos; é ser a forte luz que cega e a opaca escuridão que não nos deixa enxergar um palmo à frente; é não ser preto nem branco, mas cinza.

O sistema implantado pelos nazistas é tão perverso e complexo que faz as próprias vítimas se sentirem culpadas. Elas não têm por quê sentir culpa, pois não escolheram estar ali. Enquanto algumas morrem outras se responsabilizam por estarem vivas. Mas entenda que eles foram vítimas de um ato que se estende além das fáceis, porém equivocadas considerações maniqueístas. O holocausto é um evento complexo que precisa ser entendido através da memória dos personagens históricos (especialmente através dos sobreviventes dos campos), das particularidades de Hitler, do governo e sociedade alemães. É assim que se consegue conhecer. Não associando um fato à verdade, porém os fatos às reais possibilidades.

*A história popular, e também a história tal como é tradicionalmente ensinada nas escolas, se ressentem dessa tendência maniqueísta que evita os meio-tons e a complexidade: são propensas a reduzir a torrente dos acontecimentos humanos aos conflitos, e os conflitos a duelos (...).*<sup>65</sup>

Se de um lado há a idéia de "zona cinzenta" – defendida por Levi –, de outro existe a de "banalidade do mal" – conceituada por Hannah Arendt. A ambigüidade que circundava os cinzas (neste caso os prisioneiros) eliminava a prudência da reflexão sobre os atos, seja por necessidade carreirista (embora não haja muito a se aspirar dentro do sistema dos

<sup>64</sup> BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**, p. 119.

<sup>65</sup> LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**, p.31-2.

Lager), seja por vantagem especial de pouca comida a mais, ou violência a menos.

A banalidade do mal explicada por Hannah Arendt, a partir do julgamento de Adolf Eichmann, é bem esse retrato: o da oportunidade dos privilégios, e esse pensamento faz do carrasco, especialmente em se tratando de um oficial nazista, um ser que perdeu a capacidade de internalizar diferenças; seria uma ausência de reflexão da alteridade. O prisioneiro que se entrega a essa oportunidade não age sem o valor da alteridade, mas sim como alguém que luta para se salvar, embora a culpa esteja a todo o momento afligindo o prisioneiro opressor. Contudo, nem por isso o oficial carrasco deve ser absolvido de suas ações brutais. Ele merece a condenação, mesmo que em seu discurso de defesa ele se coloque como alguém coagido por estar submetido a um poder superior, que exerceu sobre ele grande pressão para consumir o crime. No caso dos prisioneiro, a principal coação é a de omitir socorro.

*Mais realista é a auto-acusação, de ter falhado no aspecto da solidariedade humana. Poucos sobreviventes se sentem culpados de ter deliberadamente lesado, subtraído, golpeado um companheiro: quem os fez (os Kapos, mas não só eles) trata de recalcar a lembrança; inversamente, quase todos se sentem culpados de omissão de socorro. (...) O pedido de solidariedade, de uma palavra humana, de um conselho ou apenas de atenção era permanente e universal, mas raramente encontrava satisfação.<sup>66</sup>*

### 3. Os obstáculos de julgar e aceitar

#### I

A feição desumana traz um grande perigo: elimina toda a possibilidade de análise histórica. Ora, os campos de concentração, as vítimas e os opressores desses campos, os tratamentos brutais e as mortes que realmente aconteceram foram composição de humanos; construção, ação e resultados desempenhados por pessoas comuns. Indivíduos banais, em seu cotidiano e em suas idéias, mas que têm condições de realizar atos inimagináveis. O caso no qual Adolf Eichmann se enquadra é tido pela psicologia como um ser psicologicamente normal, visto a normalidade de sua conduta e relações familiares que, por sinal, apresenta-se desejável. O direito internacional admite que o procedimento de captura de Eichmann na Argentina feito por Israel é seqüestro, pois não havia tratado de extradição,

---

<sup>66</sup> Ibid, p.67.



a despeito da idéia de humanidade estar acima de qualquer lei. Logo, a sociologia, assim como a história, são as disciplinas que melhor dão conta dessa situação. Não foi por loucura, nem por fanatismo, mas pela incapacidade de pensar além de sua experiência. A dificuldade de compreender as reais intenções de Eichmann e de outros agentes deve-se à existência de clichês e às inconsistências dos argumentos, já que esses homens eram totalmente banais. “Mas vangloriar-se é um vício comum, e uma falha mais específica, e também decisiva, no caráter de Eichmann era sua quase total incapacidade de olhar qualquer coisa do ponto de vista do outro.”<sup>67</sup>

Se retomarmos a tese de Goldhagen para compreender o fenômeno, o intencionalismo destitui as noções de alteridade com as quais trabalham Hannah Arendt e Primo Levi. Segundo o cientista social, os perpetradores (dentre eles, Eichmann) são elevados à condição de não-humanos e incapazes de tomar decisões, visto pela incapacidade de reflexão da alteridade. Para ele, os alemães realmente queriam matar e isso os levava às agressões brutais.

*Intérpretes do período cometem um grave erro ao se recusar a acreditar que pessoas podem assassinar populações inteiras – em particular populações que objetivamente não representam ameaça – sem que isso faça parte de suas convicções.*<sup>68</sup>

## II

Quanto à unicidade dada ao holocausto, Zygmunt Bauman faz objeções. Tratar o genocídio dos campos de concentração como um fato exclusivo da história dos judeus é negar a possibilidade de ocorrer novamente ou mesmo ter ocorrido antes. Além do mais, seria uma atitude excludente da própria (re)construção do fato histórico.

A explicação de Bauman sobre determinadas características do holocausto apresenta o instinto moral encontrado nas atitudes humanas como sendo algo produzido socialmente. Contudo, a partir do momento em que a sociedade tem seu funcionamento prejudicado, esse instinto dissipa-se. O caráter de absurdo se dá na medida em que há a suspensão do caráter civilizatório; aí surge a surpresa: até que ponto o homem pode chegar!?

As diferentes faces também são relevantes para compreender as atitudes dos privilegiados por excelência (aquelas vítimas que se submeteram à autoridade dos campos)

<sup>67</sup> ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**, p. 60.

<sup>68</sup> GOLDHAGEN, Daniel. **Os carrascos voluntários de Hitler**, p. 22.

e até mesmo dos oficiais SS. Ao serem expostos a circunstâncias adversas das suas experiências cotidianas, essas pessoas não se tornaram opressoras por simples obtenção de privilégios. Tais atitudes pertenciam às suas personalidades que não podem ser definidas com apenas um tipo de caráter. São vários caracteres que convivem em um ser, mas, que dependendo das situações, um caráter aparece e o outro age latente aos sentidos alheios e, às vezes, aos próprios também. “A ‘boa’ face parecia normal apenas porque as condições normais a favoreciam mais que a outra. Mas a outra estava sempre presente, embora normalmente invisível”.<sup>69</sup>

O que nos distancia do conhecimento (sobre o holocausto, especialmente) é o medo do meio em que nós mesmos vivemos e criamos enquanto seres da modernidade<sup>70</sup>. A “solução final” vista como um produto da modernidade nos assusta, pois não queremos ter ligação com esse crime contra a humanidade. É melhor colocá-lo e encará-lo de longe, distante no tempo (há mais de 60 anos) e no espaço (Alemanha, Áustria, Polônia), pois assim não é preciso confrontá-lo com a *nossa* modernidade. Perceber que o fracasso do que se considera moderno pode levar a situações radicais e agressivas é ofensivo para a maioria. Pensar que outro holocausto pode surgir das condições determinadas pelo atual modo de vida, de produção e de desenvolvimento é sentir-se culpado por algo que não se pensava em acontecer.

*Quando o sonho modernista é abraçado por um poder absoluto capaz de monopolizar veículos modernos de ação racional, e quando esse poder alcança libertar-se do efetivo controle social, o que se segue é o genocídio. Um genocídio moderno - como o holocausto.*<sup>71</sup>

Assim, as perspectivas de uma história baseada no bem, no mal, na loucura, na sanidade, na estupidez e na inteligência são mais fáceis de absorver. Os questionamentos são feitos e respondidos por argumentos banais que, por mais que tentem, não conseguem

---

<sup>69</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**, p 25.

<sup>70</sup> Zygmunt Bauman apresenta em seu texto a leitura de Henry Feingold sobre o produto do holocausto a partir do desacerto do sistema industrial europeu. Este não favorecia a vida, mas a consumia na busca do espírito dominador de conquistar o mundo. Além disso, a Solução Final pode ser vista como a “extensão mundana do moderno mundo fabril”, sendo a matéria-prima os seres humanos e o artefato fabricado era a morte. Todo o desenvolvimento industrial passou a servir os campos de concentração e extermínio. As ferrovias que transportavam os prisioneiros, as câmaras de gás que fabricavam a morte através do avanço da produção química; a burocracia que favorecia o encobrimento dessas atividades genocidas. Um resultado do próprio mundo moderno.

<sup>71</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**, p. 117.

fugir do execrado senso comum, aquele mesmo que nos “esclarece” com clichês.

Para Hannah Arendt, não há uma lógica de explicação e justificativa do Holocausto. Nem mesmo o racismo. Este existe em todo lugar. Tal fato dá o caráter absurdo aos campos de concentração. O poder totalitário é um poder que cria um mundo fictício que transforma a diversidade humana em um único tipo de indivíduo, o qual reage da mesma maneira em qualquer lugar do universo. Elimina qualquer forma de resistência; o homem é um ser puramente reativo, um animal.

### III

Por fim, o campo de extermínio significa não apenas câmara de gás, fornos onde se incineram cadáveres e fumaças que levam à morte. Principalmente os textos de Primo Levi mostram um universo muito maior e mais ambíguo do que se imagina. Mas no final, a morte é o objetivo, depois de sugar toda a energia dos prisioneiros. Logo, o campo de concentração, seja de “trabalho” ou não, ele é um espaço de morte. O mesmo pode ser dito sobre os comboios que levavam os prisioneiros aos campos.

“A morte viaja rápido”; essa frase de Bram Stoker é contestada aqui. Pode-se dizer que ela apenas viaja e sua velocidade depende unicamente das condições da vítima, e essas são dadas pelos campos. Os sapatos apertados causam feridas que, na maioria das vezes, não chegam a cicatrizar. Logo, infecções são freqüentes e deixam os prisioneiros fracos, doentes e mórbidos.

O trabalho pesado é sufocante, já que as condições do corpo ficam cada dia mais frágeis. O cansaço surge, a respiração fica ofegante e o corpo, ironicamente, fica pesado; o desgaste físico torna-se inevitável. O sono de poucas horas não dá tempo de revitalizar as energias; a comida é insuficiente e sem nutrição; a fome é insaciável e a higiene corporal é indiscutivelmente precária.

O inverno chega e as roupas não são suficientes; chove e o trabalho não pode parar. Assim, os serviços são feitos em meio à água que cai do céu e aos ventos que cortam os campos. E, ao passo que acontece tudo isso, as mortes não cessam. A roupa molhada, a fraqueza física, as feridas adquiridas nos serviços e nos maus-tratos elevam todos os *Lager* ao caráter de campo de extermínio.

A intensa realidade da literatura de testemunho nos faz chegar a essas conclusões e às percepções de fatores em que a condição humana é submetida às humilhações, torturas e outras agressões (físicas ou psicológicas). Contudo, o caráter de absurdo é tão grande que os relatos sobre o dia-a-dia nos campos parece irreal para os leitores da literatura de testemunho. Se não bastassem as dificuldades da memória, ainda os sobreviventes precisam de alguma forma mostrar que esse extermínio, essa destruição<sup>72</sup> realmente ocorreu da forma mais absurda que poderia acontecer. Estudar o genocídio leva a essas dificuldades de compreensão e aceitação justamente devido a este excesso de barbárie. Os campos de morte enterravam esses segredos que só foram descobertos nos dias finais da guerra. Os sobreviventes assim retornaram à sociedade livre e muitas pessoas que viram a guerra de longe ou participaram dela nos combates desejavam saber o que acontecia nos campos. Logo, a história do Holocausto foi sendo construída a partir das recordações dessas vítimas.

*É natural e óbvio que o material mais consistente para a reconstrução da verdade sobre os campos seja constituído pelas memórias dos sobreviventes. A parte a piedade e a indignação que suscitam, elas devem ser lidas com olho crítico. Para um conhecimento nos Lager, os Lager mesmos nem sempre eram um bom observatório: nas condições desumanas a que estavam submetidos, era raro que os prisioneiros pudessem adquirir uma visão de conjunto de seu universo. Podia acontecer, sobretudo àqueles que não compreendiam o alemão, que os prisioneiros não soubessem nem mesmo em qual ponto da Europa se achava o Lager em que estavam e ao qual tinham chegado após uma viagem massacrante e tortuosa em vagões lacrados. Não sabiam da existência de outros Lager, talvez a poucos quilômetros de distância. Não sabiam para quem trabalhavam. Não compreendiam o significado de certas imprevistas mudanças de condição e das transferências em massa. Cercado pela morte, muitas vezes o deportado não era capaz de avaliar a extensão do massacre que se desenrolava sob seus olhos. [...] Em suma, sentia-se dominado por um enorme edifício de violência e de ameaça, mas não podia daí construir uma representação porque seus olhos estavam presos ao solo pela carência de todos os minutos.*<sup>73</sup>

Muitos sobreviventes preferiam esquecer, ou melhor, não reviverem essas lembranças que lhes traziam tanta dor. No entanto, outros resolveram relatar a história que viveram para dizer ao mundo sobre o crime que cometeram contra eles.

---

<sup>72</sup> O termo destruição e extermínio são equivalentes ao termo hebraico Shoah. Muitos estudiosos utilizam este termo por entender que não houve sacrifício dos judeus nos campos de concentração. Eles foram submetidos a tais situações sem ter como escolher e morriam pelo acaso também. A matança era aleatória. Logo, devido ao elemento destrutivo e não de sacrifício, alguns estudiosos não utilizam o termo Holocausto.

<sup>73</sup> LEVI, Primo. **Os Afogados e os Sobreviventes**, p. 4-5.

## CONCLUSÃO

A compreensão sobre o Holocausto não é algo que se capta em apenas um livro ou um autor. Há vários caminhos para se tentar entender o fenômeno trágico que ainda é debatido nos dias atuais. São mais de sessenta anos e, mesmo assim, muita coisa ainda permanece sem explicação. Os debates historiográficos sobre o tema levam o leitor a um caminho, ou melhor, a vários caminhos, mas que o ajudam a refletir sobre a posição dos judeus, dos alemães e dos perigos da modernidade.

Mas ao passo que se explora os aspectos desse genocídio, percebe-se que não adianta analisar apenas o fato em si. É preciso ir além dos campos e entender o que foi o nazismo, quem foi Hitler, quem foram os judeus e quem foram os alemães e os europeus nos últimos séculos. As eventualidades dos eventos históricos foram determinantes no sentido de acontecer o Holocausto. Tudo poderia ser diferente, mas na Alemanha não foi assim. As implicações burocráticas, as conseqüências da I Guerra Mundial, a incompetência governista da República de Weimar, a aspiração dos alemães por algo novo, o anti-semitismo nazista e de parte dos povos, as ações do regime nazista e a chegada da II Guerra Mundial. Talvez, se algum desses fatores não tivesse ocorrido, o que se considera o fim deste episódio poderia ser diferente, tanto para melhor quanto para pior.

Hoje, julgar os alemães pela matança sistemática do regime é fácil e mais absorvível. Entretanto, ao estudar ou analisar os fatos, é preciso se colocar como alguém da época. É simples julgar sabendo o final; mas para os alemães que naquele tempo recebiam a promessa de algo melhor, desenvolvimentista, próspero e progressista, a culpa que se coloca sobre eles é um tanto covarde.

Por fim, a política de Adolf Hitler e seu partido concernente aos judeus se tornou em um determinado momento eliminacionista. É problemático afirmar que ela começou programando a matança, pois não há provas disso. Uma coisa é o discurso, outra é a prática. O que está claro é a posição de Hitler quanto aos judeus, no entanto essa não era a prioridade do Partido Nazista. A conquista do pública não se deu unicamente ou majoritariamente pela expressão do sentimento anti-semita. Os alemães queriam e precisavam de uma mudança na política e o Nazismo se apresentava como uma solução. Mas a matança generalizada influenciada e subsidiada pelo governo apagou todo o lado

desenvolvimentista do regime, juntamente com a política de guerra. Aqueles que permaneceram leais a Hitler até o final foram poucos, sendo a maioria da população insatisfeita com os rumos a que a guerra havia chegado.

Uma das principais testemunhas dos campos de concentração, Primo Levi, demonstra seu desejo de ir à Alemanha para situar sua opinião sobre os alemães de um outro modo. Passados os terrores do nazismo e dos *Lager*, a opinião que o sobrevivente teria dos alemães poderia mudar. A idéia de que os alemães colaboraram não exatamente de maneira direta com a matança, mas com o assentimento ou com o silêncio das ações racistas, como os boicotes, agressões verbais, físicas e a expulsão dos judeus para os guetos. Essa aquiescência é o que perturba Primo Levi e até mesmo o público leitor ou estudioso sobre o tema.

Neste caminho, pode-se dizer que a consideração de Daniel Jonah Goldhagen sobre a possibilidade do ser humano aprovar matanças desvairadas encaixa em muitos pontos. Enquanto ser humano, pode-se aprovar várias coisas, dependendo do motivo pelo qual esses desejos são movidos. É nisso que a reflexão sobre a moralidade se adapta. Um sujeito guiado pela moral sabe pesar esses pensamentos e se posicionar contra tais atos de matança, que ferem o que se constitui como moral. Identificar essa moralidade nos alemães era o objetivo de Levi ao elucidar sobre um possível retorno às terras germânicas, pois traria um alívio enorme a ele se conseguisse provar que os alemães não são aquelas pessoas que aprovaram o holocausto.

O caminho ainda é longo, por isso as várias ciências humanas ainda buscam explicações para o Holocausto. A literatura coloca sua versão, a sociologia também. E a história ainda busca entender as várias possibilidades de interpretação e encontrar a mais plausível delas.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ângela Mendes de. **A República de Weimar e a ascensão do nazismo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In; **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COLLOTTI, Enzo. **La Alemanha nazi**. Madrid: Alianza Editorial, 1972.

DEAN, Carolyn J. **The fragility of empathy after the holocaust**. New York: Cornell University, 2004

DWORK, Deborah; VAN PELT, Robert Jan. **Holocausto: uma história**. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FEST, Joachim. **Hitler**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2005.

GOLDHAGEN, Daniel Jonah. **Os carrascos voluntários de Hitler**. São Paulo: Cia das letras, 1999.

HERF, Jeffrey. **O modernismo reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no Terceiro Reich**. São Paulo: Ensaio, 1993.

HITLER, Adolf. **Minha luta**. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

KERSHAW, Ian. **Hitler, 1989-1936: hubris**. New York: W.W. Norton, 1998.

\_\_\_\_\_. **Hitler, um perfil do poder**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_. **La dictadura nazi: problemas y perspectivas de interpretación**. Buenos Aires: Siglo veintiuno editores Argentina, 2004.

LENHARO, Alcir. **Nazismo: “o triunfo da vontade”**. São Paulo: Ática, 1986.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

\_\_\_\_\_. **Os afogados e os sobreviventes**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

- LUKACS, John. **O Hitler da História**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- RÉMOND, René. **O século XX: de 1914 aos nossos dias**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- RIBEIRO JÚNIOR, João. **O que é nazismo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- SHIRER, William L. **Ascensão e queda do Terceiro Reich**. vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- SIDEKUM, Antônio. Cultura e alteridade. In: TREVISAN, Amarildo Luiz; TOMAZETTI, Elisete M.(Orgs.). **Cultura e alteridade: confluências**. Ijuí: Unijui, 2006.
- SMITH, Adam. **Teoria dos sentimentos morais**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1988.
- TODOROV, Tzvetan. **Em face do extremo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Nós e os outros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- WEBER, Max. **Max Weber: sociologia**. 7. ed. Gabriel Cohn (Org.). São Paulo: Ática, 2005.
- WISTRICH, Robert S. **Hitler e o holocausto**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.